

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

É só sobre cabelo?

**Manipulações capilares e relações de sociabilidade entre mulheres negras
imigrantes em um salão de beleza em Lisboa.**

Elisa Hipólito do Espírito Santo

Belo Horizonte

2018

É só sobre cabelo?

Manipulações capilares e relações de sociabilidade entre mulheres negras imigrantes em um salão de beleza em Lisboa.

Monografia apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais, como um requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia com Habilitação em Antropologia Social pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientadora: Sabrina Deise Finamori

Coorientadora: Jaqueline de Oliveira e Silva

Belo Horizonte

2018

Elisa Hipólito do Espírito Santo

É só sobre cabelo?

Manipulações capilares e relações de sociabilidade entre mulheres negras imigrantes em um salão de beleza em Lisboa.

Monografia apresentada a Universidade Federal de Minas Gerais, como um requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia com Habilitação em Antropologia Social.

Belo Horizonte, 11 de Dezembro de 2018.

Sabrina Finamori (Orientadora) – Universidade Federal de Minas Gerais

Jaqueline de Oliveira e Silva (Coorientadora) – Universidade Federal de Minas Gerais

Érica Renata de Souza (Avaliadora) – Universidade Federal de Minas Gerais

Denise Ferreira da Costa Cruz (Avaliadora) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

À vovó, que até ano passado me perguntava quando eu entraria na Faculdade.

Àquelas que, como eu, sabem a dor e a delícia de ter cabelos crespos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres negras que de alguma forma me ajudaram a pensar e a escrever esse trabalho.

À minha mãe e ao meu pai, que iniciaram tudo isso. Agradeço por acreditarem em mim e me ajudarem a construir esse sonho, sempre me apoiando e respeitando o caminho que escolhi seguir. Agradeço pela força que representam e me passam.

À Sabrina que recém-chegada ao Departamento topou me orientar, aceitando respeitosamente minhas inúmeras mudanças e dúvidas com o tema e a maneira que escolhi escrever. Agradeço as suas indicações de leituras, dicas, correções, conversas e principalmente pela sua disponibilidade e cuidado nessa tarefa tão delicada.

À Jaque que ao ouvir minhas ideias iniciais, aceitou me coorientar. Agradeço pelas nossas conversas sobre a monografia e a vida, por compartilhar do seu tempo e da sua vivência, mesmo estando escrevendo uma tese. Suas observações, dicas e problematizações sem dúvidas enriqueceram esse trabalho e a minha trajetória acadêmica.

Ao Lucas, por me mostrar que é possível construir outras histórias em outros lugares, pela leitura de parte de capítulos nas estradas entre Belo Horizonte e Ribeirão Preto, por me ajudar com as minhas dificuldades com a informática (mesmo sempre achando ruim) e por sempre trazer leveza e alegria.

Ao Felipe por durante esses quatro anos ter sido tão incentivador e companheiro, apoiando as ideias e as inúmeras mudanças de temas, e por sempre estar disposto a ler, revisar, opinar e me escutar. Obrigada pelo carinho e amor.

À Mariana, Thais, Marina, Julia, Úrsula e Natália, por me trazerem alegria, paz, carinho, fuga e uma cervejinha gelada sempre que necessário.

À Tia Leninha e Maria Geralda, por sempre me incentivarem, pelas conversas, ensinamentos, ajuda e apoio.

À Illa, Matheus, Lana e Neto, pela amizade e apoio quando a nossa casa estava do outro lado do Atlântico. Obrigada por serem família durante esses meses, pelo companheirismo, risos, viagens e cervejas à 1 euro. E meninas, obrigadas por estarem dispostas a irem ao Salão da Ângela, quando eu já não tinha desculpas para frequentá-lo, por

compartilharem parte de suas vivências que me ajudaram a pensar várias questões para esse trabalho.

À Angela, por ter me propiciado essa viagem à Guiné Bissau através de suas histórias e casos, por ter abrido o seu salão com tanto carinho e estar sempre disposta a conversar, e por ter me mostrado que ser cabelereira não é para qualquer uma.

À Betina e ao Salão Beleza Negra por ter compartilhado a sua história, por sempre estar aberta a conversas.

Aos colegas da turma 2014/01, especialmente à Isabela, Fábio, Mariana, Aiano, Paula, Nath, Bia e Matheus, obrigada pelo aprendizado, pelos encontros, discussões, dicas, cervejas e festinhas.

Ao grupo Chorando Pitangas, que nos últimos minutos do segundo tempo surgiu dando apoio e leveza na correria que é formar e escrever monografia, obrigada Isabela, Laura e Fábio!

À Angela, por sempre ser um anjo e paciente em responder as minhas inúmeras dúvidas sobre todas as burocracias da graduação.

Ao grupo de extensão Conexão de Saberes, à Prof. Dra. Claudia Mayorga e Shirley Miranda, ao Prof. Dr. Rodrigo Ednilson e Cristiano Rodrigues, a Carol, Ju e Michele pela ajuda na trajetória acadêmica, por trazerem discussões tão importantes sobre raça, classe e gênero e, sobretudo, por mostrarem que é possível enegrecer espaços e estruturas.

Ao Centro Cultural Urucuia – FMC, PBH, e todas as pessoas com as quais muito aprendi.

Aos professores e professoras do Departamento de Antropologia por esses cinco anos de aprendizados.

Às inspirações acadêmicas, bell hooks, Denise Ferreira da Costa Cruz e Nilma Lino Gomes, pelas suas produções e reflexões que além de inspirar, me acalentaram nessa escrita.

À vovó pelo amor e leveza.

Haicai cabelo

Se o cabelo é só um pelo

Porque todo esse novelo

Na situação?

(SOBRAL, 2014, p.20)

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma etnografia realizada em um salão de beleza de uma guineense, localizado no Centro Comercial Babilônia, na região metropolitana de Lisboa. Inicialmente reflete-se sobre como o cabelo apresenta uma centralidade na vida de mulheres negras. Entretanto, analisando as manipulações capilares e as idas ao salão de beleza, observa-se que esse espaço garante outros significados além do seu objetivo inicial de tratamento estético. Questões como o preconceito capilar, a produção de redes de sociabilidade, de ajuda e estratégias, assim como rituais de intimidade, lazer e pertencimento, ganham espaço. Isso contextualizado nas vivências de mulheres negras imigrantes, apontando as interações entre os marcadores sociais da diferença de raça, gênero e nacionalidade e as suas privações e violências subsequentes. Para tal, há um intenso diálogo, principalmente, com a produção de pesquisadoras negras que analisam as manipulações capilares e seus simbolismos em dois contextos diferentes, no Brasil e em Moçambique, e a vivência da própria pesquisadora.

Palavras-chaves: mulher negra, diáspora africana, cabelo, salão.

Abstract

This work is a result of an ethnography carried out in a beauty hair salon of a Guinean woman, located in the Babilônia shopping center, in the metropolitan region of Lisbon. Initially it is reflected how the hair presents a centrality in the black women's lives. However, analyzing the hair manipulations and the visits to the salon, it is observed that this space guarantees other meanings beyond its initial objective of aesthetic treatment. Topics like capillary prejudice, the production of sociability networks, help and strategies, as well as intimacy rituals, leisure and belonging, appear. This is contextualized in the black women's experiences, such as the interactions between markers of social difference of race, gender and nationality and its subsequent deprivation and violence. For this, there is an intense dialogue, mainly with the black researchers production that analyze the hair manipulations and its symbolisms in two different contexts, in Brazil and in Mozambique, and the researcher's own experience.

Key words: black woman, african diaspora, hair, beauty hair salon.

Lista de Imagens

Figura 1 - Minhas primeiras tranças na infância (foto de família).....	21
Figura 2 - Meu cabelo natural na infância (foto de família)	21
Figura 3 - A utilização de tranças na minha adolescência (foto de família)	22
Figura 4 – Quando eu utilizava aplique (foto de família)	24
Figura 5 - Meu cabelo durante a transição (foto de família).....	25
Figura 6 - Street View Largo São Domingos. Julho 2009	34
Figura 7 - Street View Largo São Domingos. Fevereiro 2012.....	34
Figura 8 - Mapa e Localização da região da Amadora	36
Figura 9 - Centro Comercial Babilônia (foto minha).....	39
Figura 10 - Cartaz pregado em uma Agência de Turismo no Centro Comercial Babilônia (foto minha).....	40
Foto 11 - Loja comum no Centro Comercial Babilônia, venda de cabelos e de alimentos. (foto minha).....	41
Figura 12 - Loja comum no Centro Comercial Babilônia, venda de cabelos e de alimentos. (foto minha).....	42
Figura 13 - Loja no Centro Comercial Babilônia, venda de cosméticos.....	42
Figura 14 - Foto de parte da vitrine do Salão Ângela Tranças Artísticas. (foto minha)	46
Figura 15 – Foto da minha primeira manipulação no Salão de Ângela. (foto minha)	47
Figura 16 – Illa após realizar a trança lateral com Ângela (foto minha).....	49
Figura 17 – Ângela, Proprietária do Salão (foto minha).	50
Figura 18 – O salão enquanto um espaço de socialização também de crianças e homens. (foto minha).....	56
Figura 19 – Criança sendo trançada por uma amiga de Ângela.....	58

Sumário

Introdução – É só sobre cabelo?.....	11
Capítulo 1 - Ouriçando algumas questões.....	17
1.1 - Breve contextualização: a mulher negra brasileira, a “lida” com o cabelo crespo e as suas manipulações.	17
1.2 – Onde tudo começou: a minha história.	21
1.3 – Quem pode falar?.....	28
Capítulo 2 – A Amadora e o Babilônia: espaços de socialização negra em Lisboa	32
2.1 - Breve contextualização: Lisboa e a imigração negra	32
2.2 A Região da Amadora	35
2.3 - O Centro Comercial Babilônia	39
Capítulo 3 – Texturização: O Salão Ângela Tranças artísticas	45
3.1 – Desembaraçando: Ângela e as minhas dificuldades em campo	45
3.2 – Novidades de casa! – Sentidos do Salão Ângela Tranças artísticas	52
3.3 – Para estar “gira” vale a pena sentir dor? Trançando o final.	57
Transição: Um longo caminho pela frente	65
Pós- Escrito: Escrevendo uma monografia em tempos de luto e luta	69
Bibliografia.....	72

Introdução – É só sobre cabelo?

Em 2016 andando pelas ruas centrais de São Paulo, por acaso, encontrei a Galeria Presidente, conhecida popularmente como “Galeria do Reggae” ou “Galeria Black”, localizada na Rua 24 de maio, próximo à “Galeria do Rock”. Logo na fachada é perceptível a diferença entre as duas galerias, não só pelo nome, nem pela falta de manutenção e cuidado que a primeira recebe, mas sim, principalmente, pelo seu público frequentador.

Na Galeria do Reggae há uma presença massiva da população negra, por isso também é conhecida como Galeria Black. Há mais de 50 anos ela é reconhecida como um reduto da população negra paulistana e boa parte das suas lojas são voltadas para a cultura negra, como as lojas de discos especializadas em reggae, soul, blues e rap, lojas de roupas, lojas voltadas para a prática de capoeira e salões de beleza afro ou étnicos¹, especializados em penteados e manipulações no cabelo crespo. Ao subir os andares, o número desses estabelecimentos aumentava, assim como o público que fica cada vez mais negro, e as músicas, cheiros, aromas e língua falada, cada vez mais desconhecidas por mim.

O contexto do aumento da imigração sul global nas últimas décadas entre países em desenvolvimento, que deslocam populações de países em crise e em guerra para outros de economia mais expressiva, como o Brasil, fez com que o país recebesse um número grande de imigrantes e refugiados, principalmente provenientes de países africanos. Esse fluxo influenciou também o público da Galeria. Os imigrantes e refugiados de países africanos começaram a povoá-la e hoje são parte expressiva dos frequentadores e trabalhadores em bares, restaurantes, lojas que vendem cabelos humanos e sintéticos e salões étnicos localizados a partir do terceiro andar da galeria.

Esse contexto de um público majoritariamente negro e da centralidade da cultura e da estética negra me fazia lembrar os salões étnicos estudados por Nilma Lino Gomes (2008). A

¹ Há uma oscilação entre a utilização do termo salão étnico ou afro, que segundo Nilma Gomes (2008) se relaciona à uma perspectiva mais ampla, de tentativa de conciliação das marcas identitárias com as mudanças no campo das relações raciais, que não deixam também de ser atravessadas pelos interesses do mercado e a trajetória histórica e política da questão racial no Brasil. No presente trabalho, irei utilizar a terminologia salão étnico, uma perspectiva mais ampla de tentativa de conciliação das marcas identitárias com as mudanças no campo das relações raciais, que não deixam também de ser atravessadas pelos interesses do mercado e a trajetória histórica e política da questão racial no Brasil. No presente trabalho irei utilizar a terminologia salão étnico.

autora, ao estudar esses salões, localizados na cidade de Belo Horizonte, percebeu como nesses espaços aconteciam processos de construção da identidade negra através de atividades estéticas, seu estudo, então, tem grande importância nas questões que irei abordar nos próximos capítulos. Aqui, de modo similar ao estudo de Nilma Gomes, abordo a centralidade do cabelo para as mulheres negras, a relação da manipulação capilar com as noções de identidade, pertencimento e o seu caráter agregador para a comunidade negra. Sobre tudo através das idas aos salões, espaços que não funcionam unicamente para satisfazer as vaidades individuais, mas que possuem múltiplas possibilidades e desdobramentos.

Nilma Gomes (2008) reflete como o corpo humano é sede de manipulação em todas as culturas e civilizações. Pinturas faciais e corporais, maquiagens, tatuagens, mutilações, perfurações, decorações, vestimentas típicas, acessórios, penteados, são realizadas em todas as culturas e ilustram essa tendência de conceber o corpo como objeto de beleza estética. O corpo e seus atributos, assim, constituem o suporte e a sede material para processos de construção da identidade.

No campo das ciências sociais alguns pesquisadores têm observado a importância dos símbolos inscritos no corpo, Figueiredo (2002) cita alguns exemplos de autores que seguiram nessa direção, como Nancy Scheper-Hughes e Margaret Lock (1987) que consideram a relação entre três corpos: o corpo individual, como experiência do self, o corpo social, com a representação do corpo como um símbolo natural, e o corpo político, referente à regulação e controle do corpo. Barbara D. Miller (1998) analisa o cabelo sob três perspectivas, a dimensão pessoal, a dimensão política e o seu significado social, lembrando que o uso de determinado tipo de cabelo pode estar relacionado a movimentos de resistências, como o movimento *Punk* em que o estilo utilizado pelos integrantes emitia uma mensagem de resistência cultural. Já Leach (1983) analisa o caráter simbólico do cabelo e a sua relação com rituais, que ao ser cortado ou alterado gera fortes emoções, ou seja, o cabelo como uma parte do corpo que mobiliza emoções.

Como é afirmado por Santos (2000), nas últimas décadas, há uma preocupação dos estudiosos das ciências sociais em demonstrar a maneira em que o corpo negro é representado no imaginário ocidental. Imagens produzidas no passado de colonização do continente africano dialogam com imagens produzidas no período recente, sobretudo na pós-modernidade, contexto no qual, segundo Hall (2003), há um fascínio com o multiculturalismo e com as diferenças, sejam elas sexuais, raciais ou culturais. Um fascínio

que, tal como é questionado pelo autor, pode estar pautado em silenciamentos desses corpos negros e pode também ser uma construção moderna do primitivismo fetichista.

De acordo com o exposto, o corpo é passível de codificações particulares dentro de um grupo social, códigos inscritos na maneira em que se manipula certas partes, como o cabelo, podem trazer nuances das nossas classificações sociais. A partir da análise do cabelo e suas manipulações, sejam elas cortes, alisamento, permanente afro, relaxamento, tranças, dreads, penteados, entre outros, Nilma Gomes (2008) afirma que o cabelo adquire uma linguagem social e linguística, e assim como o corpo, é pensado pela cultura, possibilitando construções sociais, culturais, políticas e ideológicas, relacionadas às identidades coletivas. Partindo dessa reflexão ela percebeu como, através das manipulações do cabelo crespo, expressões e símbolos de resistência cultural ganhavam forma e aos poucos a questão estética passou a ser compreendida pelos grupos negros de Belo Horizonte como fator agregador da comunidade negra e de uma forte radicalidade política.

Os locais onde essas manipulações são realizadas, os salões, não funcionam unicamente para satisfazer as vaidades individuais. Santos (2000) sugere uma “iconografia negra” produzida nos salões étnicos. Isso por que, esses espaços vão além do caráter mercadológico, eles não perdem o seu caráter comercial e objetivo de venda e compra de serviços, mas também possuem outras possibilidades, são locais onde há compartilhamento de estratégias e lutas coletivas em prol de permanências e autocuidado.

bell hooks² (2005) reflete os sentimentos e emoções que envolvem os salões de beleza frequentados por mulheres negras, locais onde ocorrem ritos de intimidade entre essas mulheres, aumento da consciência, compartilhamento de histórias e problemas. São espaços de acolhimento e renovação de espírito, onde se constrói fortes redes de sociabilidade e de interação.

O interesse pela realização da presente pesquisa se iniciou a partir da etnografia que realizei para a disciplina de Etnografia Urbana enquanto eu fazia uma mobilidade acadêmica em Lisboa. A minha ideia inicial era etnografar um salão de beleza frequentado por mulheres negras. Logo em seguida conheci o Centro Comercial Babilônia/, localizado na região metropolitana de Lisboa e frequentado majoritariamente pela população negra, portuguesa e

² A grafia do nome da autora será realizada, durante todo esse trabalho, em letras minúsculas, respeitando o seu posicionamento. bell hooks afirma que o mais importante em suas produções são os seus conteúdos e não a sua autoria. Sendo assim, ao frisar essa preferência, a autora anseia dar o enfoque às suas ideias, tirando da centralidade os nomes e títulos.

imigrante. Durante a minha primeira visita ao Centro Comercial Babilônia era forte a lembrança e algumas associações com a Galeria do Reggae. Isso devido à grande presença da cultura negra, principalmente com a presença dos salões étnicos, mas também pela presença africana: imigrantes falando diversas línguas, a venda de comidas, temperos e moda de diversos países do continente africano, e conversas calorosas que aconteciam dentro dos salões.

Muitos questionamentos surgiram, assim como o interesse de continuar e aprofundar as reflexões sobre as relações entre o gênero e a raça e a produção de identidade e pertencimento através da estética e da ida à salões étnicos em contextos e experiências diaspóricas. O objetivo central desse trabalho, então, se construiu na reflexão em torno da ida a esses espaços e da lida³ com o cabelo, essas atividades podem nos dizer algo sobre a construção (ou afirmação?) da identidade de mulheres africanas que os frequentam? As manipulações capilares vão além de um caráter puramente estético, e podem adquirir simbolicamente outros significados nesse contexto? Essas foram algumas das minhas inquietações iniciais. Mas, como todo trabalho de campo, e o que para mim o torna fascinante e surpreendente, é como surgem novas questões e como as pessoas que estamos em diálogo conduzem o andar do trabalho para outros caminhos e sentidos. Então, já adianto que parte das inquietações iniciais mudou, outra parte ainda continua inquieta, mas o que me conforta, por ora, é saber que esse é apenas o começo de uma longa caminhada.

Estruturo esse trabalho em três capítulos principais, que se subdividem em três partes cada. Esses capítulos, e algumas partes, são denominados com palavras fortemente utilizadas por mim e mulheres negras brasileiras no trato dos seus cabelos crespos, mas que seus significados enquadram com o que será apresentado em cada capítulo. No primeiro capítulo ouriço algumas questões. “Ouriçar” dentro desse universo se relaciona a encrespar, tornar-se crespo através de ferramentas como o pente garfo. E é exatamente essa ação que faço, contextualizo o simbolismo por traz do cabelo para nós mulheres negras, conto a minha história e como ser quem eu sou influencia a todo o momento a pesquisa que faço, através de lembranças da minha infância, sentimentos que foram lembrados ao fazer o campo e conversar com mulheres negras que, assim como eu, sabem da dor e da delícia de ter belos cabelos crespos. Discuto sobre a potência de incluir a autoetnografia como método, assim como inserir as vivências de quem está no papel de pesquisador e as emoções afloradas ao se

³ Nos próximos capítulos abordo o significado histórico da palavra “lida”, de acordo com a produção de Nilma Lino Gomes (2008)

realizar o trabalho de campo. O objetivo é validar as novas perspectivas e as novas formas de se produzir ciência, que também é elaborada por atores que antes eram tidos unicamente como os seus objetos. Busco, então, romper com essa estrutura da educação formal e afirmar que é possível a construção de outras ciências.

No segundo capítulo prezo em fazer o big chop, essa é uma das etapas que muitas mulheres que modificaram a textura de seus cabelos através da utilização de produtos químicos, passam ao decidir assumir a sua textura natural. Big chop, o grande corte, é cortar toda a parte do cabelo que possui química, é uma importante etapa para começar a assumir o seu cabelo na sua textura natural. Não se trata apenas de um corte, é se libertar de uma série de amarras, padrões de beleza inalcançáveis e prejudiciais física e psicologicamente. É tirar a parte lisa, a parte branca e deixar só a parte crespa, a parte negra. A partir desse simbolismo reflito uma Lisboa negra, de espaços predominantemente de pessoas negras, portuguesas, latino-americanas e africanas. Deixo por ora a parte europeia, a parte branca e padrão, para pensar locais negros, como Centro Comercial Babilônia, onde está localizado o salão em que fiz o campo, a Amadora e outras regiões não tão abordadas e visitadas pelos turistas e moradores de Lisboa. Também analiso a diáspora negra no país e a sua contraposição marcada pela intolerância às diferenças, pela xenofobia e pelo racismo, que são observáveis através dos discursos ódio e da violência policial.

No terceiro capítulo, realizo uma texturização, técnica utilizada para definir os cachos e reafirmar a sua textura, mergulho nas questões centrais, no salão, nas minhas dificuldades iniciais ao fazer o campo, na vida de Ângela, a minha principal interlocutora e proprietária do salão, nas suas clientes e amigas que o frequentam com certa periodicidade, trazendo notícias de casa para lá ou de lá para a atual casa. Demonstro a presença da solidariedade entre elas e o caráter de lazer e pertencimento que aquele espaço representa, o que faz com que os sacrifícios relacionados à dor, ao tempo e ao dinheiro tenham uma dimensão mais branda.

O fim, ou o recomeço, é a transição, uma etapa que abrange todas as outras. Passar pela transição é resolver assumir o seu cabelo na textura que ele realmente é, é a mais difícil, leva tempo até o cabelo crespo crescer, é uma etapa em que ele fica metade com química e metade crespo, é um longo caminho, onde surge novas perspectivas, autoconhecimento, mas que ainda restam dúvidas e incertezas. Há um longo caminho pela frente.

É só sobre cabelo? Dessa breve introdução já ficou a resposta que não. Não é só sobre cabelo, é sobre corpos femininos negros, é sobre padrões de beleza, é sobre notícias de casa, é

sobre ser um estranho na sua atual casa, é sobre redes de amizades, de pertencimento, de enfrentamento e de afirmação. É sobre mim, é também um pouco sobre várias mulheres negras que cruzaram a minha caminhada até hoje, mas é só sobre um início.

Capítulo 1 - Ouriçando algumas questões

1.1 - Breve contextualização: a mulher negra brasileira, a “lida” com o cabelo crespo e as suas manipulações.

INCIDENTE NA RAIZ

Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório.

No cabelo crespo deu um jeito. Produto químico e fim! Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora. Qualquer indício, munia-se de pasta alisante, ferro e outros que tais e...

O nariz, já não havia nenhuma esperança de eficácia no método de prendê-lo com pregador de roupa durante horas por dia. A prática materna não dera certo em sua infância. Pelo contrário, tinha-lhe provocado algumas contusões de vasos sanguíneos. Agora, já moça, suas narinas voavam mais livremente ao impulso da respiração. Detestava tirar fotografias frontais. Preferia de perfil, uma forma paliativa, enquanto sonhava e fazia economias para realizar operação plástica.

E os lábios? Na tentativa de esconder-lhes a carnosidade, adquirira um cacoete – já apontado por amigos e namorados (sempre brancos) – de mantê-los dentro da boca.

Sobre a pele, naturalmente bronzeada, muito creme e pó para clarear.

Lá um dia, veio alguém com a notícia de “alisamento permanente”. Era passar o produto nos cabelos uma só vez e pronto, livrava-se de ficar de olho nas raízes. Um gringo qualquer inventara a tal fórmula. Cobrava caro, mas garantia o serviço. Segundo diziam, a substância alisava a nascente dos pêlos. Jussara deixou-se influenciar. Fez um sacrifício nas economias, protelou o sonho da plástica e submeteu-se.

Com as queimaduras químicas na cabeça, foi internada às pressas, depois de alguns espasmos e desmaios.

Na manhã seguinte, ao abrir com dificuldade os olhos, no leito de hospital, um enfermeiro crioulo perguntou-lhe:

Tá melhor, nêga?

Ela desmaiou de novo.

(CUTI, 2008, p. 216)

A construção social da feminilidade revela um estereótipo de corpo já ditado antes mesmo de uma menina nascer. Essa construção impõe às mulheres padrões estéticos e um modelo feminino hegemônico enquanto estigmatiza outros modelos de mulheres e as suas diversidades, como as mulheres negras, indígenas e transexuais. As mulheres negras ficaram durante anos à margem dos cuidados do setor de beleza, isso devido ao lugar de inferioridade que os seus atributos físicos eram colocados, à crença de que elas não tinham uma condição

financeira para o consumo e também devido à falta de oferta de produtos específicos⁴. O cabelo é o ícone em que mais se percebe essa tensão, isso por que quando pensamos em corpos femininos negros, observamos que há uma centralidade da cabeça para investimentos estéticos-corporais. (COSTA, 2012).

É importante ressaltar que o cabelo não pode ser considerado simplesmente como um dado biológico, como afirma Nilma Gomes (2008). O cabelo, assim como o corpo, é pensado pela cultura, possibilitando construções sociais, culturais, políticas e ideológicas, ou seja, adquirem um significado social e podem se tornar uma ponte de acesso às subjetividades, emoções e às identidades coletivas.

É justamente esse significado social, relacionado ao cabelo crespo de mulheres negras, que me proponho atentar nessa pesquisa. Um significado que só pode ser compreendido ao pensarmos o cerne do sistema de classificação racial e os processos de dominação sejam eles político, cultural, social ou econômico. Esses processos de dominação estão ligados a um ideal de beleza imposto que se assemelha ao europeu branco, em que são consideradas bonitas e superiores características que vão além da pele clara, como possuir traços físicos finos e cabelos lisos. Não que esse sistema também não afete aos homens negros, mas isso ocorre de uma maneira diferenciada, sobre eles não é imposto tão fortemente esse padrão de beleza que muitas vezes é inalcançável e prejudicial física e psicologicamente. Boa parte dos homens negros, também frequentam, desde pequenos, as barbearias e raspam os seus cabelos, eliminando assim uma característica fenotípica negra considerada feia, inferior e foco de discursos racistas⁵.

No Brasil vivemos um racismo ambíguo e velado que reproduz de diferentes maneiras, algumas diretas e outras mais brandas, a imposição de padrões estéticos brancos e mestiços em detrimento do negro, realizando uma hierarquia estética que é interiorizada pelo próprio negro. Esse racismo e essa hierarquia geram um conflito entre a aceitação e rejeição presentes

⁴ Esse contexto mudou nos últimos anos, Ângela Figueiredo (2002) já anunciava como, no início dos anos 2000, o número de lojas especializadas em cabelos crespos, produtos oferecidos e os locais de vendas se ampliaram nas capitais do país, indicando a intensificação do mercado de beleza e cosméticos para a população negra. Mas é importante salientar que a integração dos produtos para a população negra ao mercado, além de ser um modo de se adequar a grande procura e assim gerar mais lucro, não quebra a estrutura do racismo e a hierarquização dos traços físicos.

⁵ Nas últimas décadas houve um aumento de homens negros que usam o cabelo crespo, black power e que frequentam salões de beleza. Assim como o apelo à estética em barbearias, com a utilização de tinturas, produtos para a modificação da textura e realização de desenhos com navalha. Para mais informações o documentário “Deixa na reta” (2016), do diretor Emílio Domingues, aborda a estética e a manipulação do cabelo de homens em três barbearias em periferias do Rio de Janeiro.

na subjetividade dos negros em relação a seu próprio corpo. Fanon (1983) afirma que ser negro é carregar todo o preconceito que a raça branca imputa ao corpo negro, é carregar todos os arquétipos criados pelos brancos, levando a uma interiorização de inferioridade pelo sujeito negro e de superioridade pelo sujeito branco. O autor ainda conclui que esses condicionantes psíquicos do racismo sobre os negros impuseram a ele um desvio existencial, um sentimento não só de inferioridade, mas também de inexistência. Nesse contexto, o cabelo é um dos ícones identitários fortemente utilizado para classificar e hierarquizar racialmente a população negra. Como aponta Ângela Figueiredo:

Mas é principalmente a cor da pele e a textura dos cabelos que vão definir o lugar a ser ocupado no interior dessa escala classificatória. Assim, por exemplo, morena é a pessoa mestiça e de cabelos lisos, o mulato é também mestiço, mas de cabelo crespo; o denominado sarará são as pessoas mestiças, de pele muito clara, mas de cabelo crespo. E os cabo-verdes são as pessoas de pele escura e cabelo lisos, considerados como muito bonitos no Brasil. O que leva a pensar que mais importante do que a cor da pele é a textura do cabelo.(FIGUEIREDO, 2002, p.6)

Nilma Gomes (2008) realizou um intenso trabalho de campo em salões de beleza negra na cidade de Belo Horizonte, objetivando compreender o significado social do cabelo no universo desses salões e o sentido a ele atribuído, de forma particular, pelos homens e mulheres negras entrevistadas. Durante as entrevistas a autora observou que a expressão “lidar com o cabelo” tornou-se emblemática, isso por que a “lida” pode adquirir diferentes significados para as diferentes categorias sociais, mas na perspectiva racial, ela incorpora a ideia histórica de trabalho forçado e coisificação dos escravizados e das escravizadas.

A autora afirma que, no regime escravista, a “lida” do escravizado, além de implicar trabalhos forçados, estava relacionada a uma, entre as várias outras, forma de violência ao corpo negro: a raspagem forçada do cabelo. As manipulações capilares em África pré-colonização - e ainda hoje presente em alguns países do continente, de acordo com Denise Cruz (2017) – eram formas de distinguir a qual grupo étnico aquela pessoa pertencia, sendo, portanto, consideradas marcas da identidade e da dignidade. Desse modo, a raspagem do cabelo era uma mutilação para o africano e para a africana, uma estratégia do regime escravista de tentar anular toda a diversidade cultural que aqui forçadamente chegava e as suas singularidades, tornando todos iguais.

Nesse sentido, a utilização dessa expressão e o seu significado social atravessou o tempo e ainda hoje é frequente entre as mulheres negras, indicando a insatisfação com o seu cabelo crespo e a posição dele enquanto um fardo que se tem que carregar.

As mulheres negras brasileiras que são social e psicologicamente afetadas pelo racismo, sofrem tensões e sentimentos ambíguos, envolvendo, a um só tempo, rejeição e aceitação do seu corpo, cabelo e cultura. Elas desenvolvem estratégias que acreditam aproximá-las desse padrão socialmente desejado, visando maior aceitação dentro de determinado grupo social ou círculo de amizades. Essas estratégias se baseiam na manipulação e alteração dos seus cabelos, ideologicamente vistos como expressão do grupo social a qual eles pertencem.

O cabelo é concebido de múltiplas formas: como estigma e objeto de insatisfação e tensão do seu próprio processo de identidade, mas também como um lugar de sociabilidade - nas idas aos salões -, de afeto e de intimidade – ao ter o seus cabelos cuidados por amigas e familiares -, de ritual de transição - quando determinadas manipulações só são permitidas a partir de determinada idade – e podendo ainda ter um teor político de afirmação e de pertencimento étnico-racial, um suporte da identidade negra e símbolo de orgulho.

O apelo à naturalidade do corpo negro, por exemplo, é visto como uma construção ideológica e uma crítica às relações de poder nas quais negros e brancos estão inseridos na sociedade pautada pelo racismo. A utilização do cabelo afro⁶ foi um estilo político usado por movimentos nacionais e internacionais de afirmação política da população negra no final da década de 60, como por exemplo os Panteras Negras⁷, que passaram a utilizar o penteado na luta contra hegemonia e como um símbolo e uma tentativa de reconstituição de uma África ancestral.

A não-modificação dos sinais diacríticos que indicam seu pertencimento étnico, como cirurgias para afinar o nariz e o uso de produtos químicos que modificam a textura do cabelo, além da ida a salões étnicos e o uso de penteados como as tranças, são como táticas para afirmação da identidade negra, expressando a conquista do direito individual e coletivo do negro de transformar a sua imagem de forma criativa e autônoma, não mais escondê-la, e vangloriar o seu passado africano.

Olhar para a África, mais precisamente a África pré-colonial, na tentativa de recuperar valores, referências artísticas, culturais, estéticas através de um resgate da ancestralidade africana. A civilização africana aparece então, como um mito e traz

⁶ O termo “cabelo afro” é uma denominação relacionada à utilização do cabelo crespo em sua textura natural.

⁷ Os Panteras Negras eram integrantes do Partido dos Panteras Negras, que surgiu nos Estados Unidos no final da década de 1960, época marcada por uma forte tensão e conflito racial. Esse movimento, formado por herdeiros políticos de Malcom X, lutava pelos direitos da população negra e como ação passaram a patrulhar os bairros negros e proteger os seus moradores da violência realizada pelo Estado e por grupos racistas como a Klu klux Klan.

ao negro brasileiro a possibilidade de ser visto sem marca da coisificação e da negação, ou seja, de ver-se e ser visto como humano.” (GOMES, 2008, P.143)

1.2 – Onde tudo começou: a minha história.

Eu sempre me interessei pelo cabelo, talvez por essa centralidade que ele sempre teve para mim e para todas as mulheres negras ao meu redor. A minha infância foi marcada por duas épocas: quando eu era nova, dependente dos meus pais e usava meu cabelo natural, preso em duas partes, com um coque no centro da cabeça, ou ainda solto quando eu estava em casa (Figura 1). Com o passar dos anos, mas ainda na infância, eu comecei a usar tranças soltas de kanecalon⁸, (Figura 2 e 3) as quais vemos muitas mulheres utilizando atualmente, principalmente durante a transição capilar⁹. Essas tranças, nesse contexto de transição, são utilizadas tanto para protegerem e auxiliarem o crescimento capilar, quanto adquire um teor político, como símbolo de autoaceitação, pertencimento racial, empoderamento e para a melhora da autoestima dessas mulheres que as utilizam.



Figura 2 - Meu cabelo natural na infância (foto de família)



Figura 1 - Minhas primeiras tranças na infância (foto de família)

⁸ Kanecalon é uma fibra sintética que se parece com o cabelo humano, tanto pela sua textura quanto visualmente, ele é utilizado para realizar apliques e tranças soltas.

⁹ A transição é quando se resolve deixar de usar produtos que modificam a textura do cabelo e passa a usá-lo em sua textura natural, tal como foi abordado na introdução do presente trabalho.



Figura 3 - A utilização de tranças na minha adolescência (foto de família)

Eu usava tranças pretas comuns e não era por que eu gostava - na verdade eu gostava muito pouco, o único benefício era que com elas eu ficava com cabelos compridos que balançavam enquanto eu brincava, igual aos cabelos das minhas amigas brancas da escola – eu as usava por que era o jeito mais prático e rápido de arrumar meu cabelo. Minha mãe não tinha tempo de hidratar, pentear e fazer penteados todos os dias, em compensação, as tranças só precisavam ser lavadas e eu fazia a manutenção de 5 em 5 meses com a Alcione.

A Alcione é uma mulher negra que mora no bairro da minha avó paterna, ela trabalhava na creche que meu irmão mais novo ficava durante todo o dia. Alcione era quem trançava os meus cabelos, e assim conseguia uma renda extra para manter a sua casa e seus filhos. Eu gostava do dia que ela tinha que me pentear, eu ficava o dia inteiro em sua casa, conversava com sua filha, com suas sobrinhas que também moravam em sua casa, e com sua irmã. Entre uma trança e outra Alcione fazia almoço, cuidava do seu filho bebê, escutava música, contava e escutava as fofocas dos amigos e ria com sua irmã das palhaçadas das suas sobrinhas. Era uma festa para mim, e eu adorava a sua comida: carne moída, feijão e arroz com cenoura. Todas as vezes que eu fazia as tranças em sua casa era o mesmo prato.

Outro processo era desfazer as tranças, que também desprendia de muito tempo, um dia inteiro ou metade de um dia. Quem desmanchava minhas tranças era minha mãe, ou minha avó e tia-avó, com quem eu ficava todos os dias enquanto meus pais trabalhavam e estudavam. Com vovó o ritmo era mais lento, ela desmanchava as minhas tranças enquanto me mimava e eu assistia o desenho do gato Félix e comia seu arroz com alho, couve e bife de boi.

É um gesto que mostra que estamos nos aproximando da condição de mulher [...] Antes que se alcance a idade apropriada, usaremos tranças; tranças que são símbolo de nossa inocência, juventude, nossa meninice. Então, as mãos que separam, penteiam e traçam nos confortam. A intimidade e a sina nos confortam. (hooks, 2005, p.2)

As manipulações do cabelo acontecem tanto nos salões quanto nos quintais de casa, em espaços nos quais mulheres negras, mesmo as que não possuem um grau de intimidade, podem se encontrar e conversar umas com as outras, ou simplesmente escutar a conversa. bell hooks (2005) retrata bem as emoções envolvidas no trato do cabelo de mulheres negras, ela denomina esse processo de rito de intimidade,

Existe uma intimidade tamanha na cozinha aos sábados quando se alisa o cabelo, quando se frita o peixe, quando se fazem rodadas de refrigerante, quando a música soul flutua sobre a conversa. É um instante sem os homens. Um tempo em que trabalhamos como mulheres para satisfazer umas as necessidades das outras, para nos proporcionarmos um bem-estar interior, um instante de alegrias e boas conversas. (hooks, 2005, p.2)

Todas as minhas primas crianças ou adolescentes, e outras meninas negras que eram da minha idade, também usavam tranças. Era como se o cabelo de todas as meninas negras já nascesse assim, trançado. Com o tempo, quando íamos atingindo determinada idade, por volta dos quinze anos, passávamos por outro processo: o alisamento ou relaxamento.

Esse momento é um marco histórico e ideológico do qual emergiu o processo de alisamento do cabelo de mulheres negras. Esse processo foi ampliado de maneira tal que estabeleceu um espaço real de formação de íntimos vínculos pessoais da mulher negra mediante uma experiência ritualística compartilhada. (hooks, 2005, p.2)

Algumas mulheres alisavam para ter o tão sonhado cabelo liso escorrido, outras relaxavam para ter cachos definidos e abertos. Com 14 anos, eu já sonhava em ter cabelos longos e ondulados, mas meus pais nunca me deixaram alisar. Nas vésperas do meu aniversário de quinze anos, eles deixaram. Fui à casa de uma senhora que alisava os cabelos com uma pasta branca. Inicialmente ela passou essa pasta misturada com creme, já que era a primeira vez que meu couro cabeludo entraria em contato com produtos químicos. Lembro-me da dor insuportável de queimadura que senti, e a senhora me falando que eu tinha que aguentar até o limite, pois não tinha muito tempo que ela tinha colocado o produto. Saí de lá sem sentir meu couro cabeludo, achei que era normal, já que eu lia nas revistas para adolescentes, que para ficar bonita eram necessários alguns sacrifícios.

Alguns dias após utilizar a química, meu couro cabeludo estava cheio de feridas, eu sentia uma coceira e ardência insuportável, aliás, suportável, me fazia mais próxima do tão sonhado padrão que só anos depois fui descobrir que é inalcançável.

O alisamento era claramente um processo no qual as mulheres negras estavam mudando a sua aparência para imitar a aparência dos brancos. Essa necessidade de ter a aparência mais parecida possível à dos brancos, de ter um visual inócuo, está relacionada com um desejo de triunfar no mundo branco. (hooks, 2005, p.3)

Eu frequentava salões do bairro toda semana, fazia escova e passava chapinha, e continuava utilizando a tal pasta assim que a raiz começava a aparecer. Foi essa saga até os meus dezoito anos. Depois mudei de salão, comecei a frequentar os salões étnicos e fiquei apaixonada por aquele mundo, com várias mulheres negras com cabelos fantásticos, os mais variados possíveis e todos muito bem cuidados. Foi minha mãe que me introduziu nesse novo mundo, já havia anos que ela não usava produtos químicos em seu cabelo e eu o achava feio por isso, descuidado, sem vaidade, desleixado, não queria isso para mim. Então resolvi usar meu cabelo com tranças rentes ao couro cabeludo e um aplique de longos cabelos cacheados (Figura 4). Eu não deixava ninguém encostar no meu couro cabeludo com medo que



descobrissem que aquele não era o meu cabelo, que eu, na verdade, era dona de um cabelo crespo.

Com o passar do tempo fui me libertando desse padrão de beleza, uma das pessoas que me ajudou nesse processo, além da minha mãe, do meu pai e da minha entrada na universidade¹⁰, foi a Dora. Dora é uma cabelereira antiga de Belo Horizonte, possui um salão étnico e como política ela preza pela valorização da beleza natural da mulher negra. Todas as vezes que eu ia ao seu salão, ela me falava o quanto eu era linda, que meu cabelo natural é uma coroa e que eu não deveria sentir vergonha dele.

Figura 4 – Quando eu utilizava aplique (foto de família)

¹⁰ Ao entrar na Universidade e ter contato com outras pessoas negras e grupos de pesquisa que discutiam sobre a questão racial, comecei a me questionar sobre vários comportamentos, inclusive sobre alisar o cabelo e usar aplique.

Eu passei pela transição (Figura 5), deixei meu cabelo crescer, e sempre o hidratava também no salão da Betina. Foi ela quem cortou todo o resto de química que ainda restava. Betina é a dona do Salão Beleza Negra, um dos salões étnicos, especializado em cabelos crespos, mais antigos de Belo Horizonte. Entre as nossas conversas em minhas idas, durante anos, e na entrevista que fiz com ela em 2017, ela me contou um pouco da sua história, sobre sua infância e como tinha que arrumar o cabelo para ir ao culto - “arrumar”, para a sua mãe, significava alisar o seu cabelo - os cuidados com o cabelo que foram passados de geração para geração, e que ela era quem cuidava do cabelo da mãe e irmãs, enquanto a sua avó era quem cuidava do seu e fazia uma profecia: um dia você vai arrumar o cabelo de muita gente. Essa profecia se concretizou e, hoje em dia, muitas mulheres negras belorizontinas já passaram pelas mãos de Betina¹¹ ou ao menos já ouviram falar de seu salão.



Figura 5 - Meu cabelo durante a transição (foto de família)

¹¹ A história de Betina e a profecia de sua avó estão no livro infantil “Betina”, escrito por Nilma Lino Gomes, Belo Horizonte, editora Mazza, 2009.

Foi no salão de Betina que surgiu inicialmente parte da curiosidade e inquietação que busco refletir nesse trabalho. Quando eu ia ao seu salão sempre via Mariama, ela é de Guiné Bissau e trabalhava como cabelereira. No início eu me assustei, já que eu imaginava mulheres provenientes de países africanos com cabelos fantásticos, crespos enormes, com tranças elaboradas, com verdadeiros bordados na cabeça, tal como parecia nas revistas de penteados que eu folheava enquanto esperava ser atendida.

Mas Mariama não era assim, ela tinha um curto cabelo alisado, as vezes estava de tranças curtas, outras de tranças longas, tinha dias ainda que ela usava lindos apliques cacheados, outros dias um liso, em cada ida minha ao salão ela estava com um penteado diferente. As outras cabelereiras, inclusive Betina, também mudavam, mas não com tanta frequência, ou eu não observava da mesma maneira que observava as mudanças de Mariama.

Essas modificações de Mariama e a quebra da expectativa que eu havia criado em relação às mulheres africanas, me geraram uma série de reflexões e questões que mais tarde foram retomadas quando passei um semestre fazendo mobilidade acadêmica em Lisboa, Portugal. A utilização de produtos químicos para alisar o cabelo, que muitas mulheres africanas com as quais conversei durante o campo denominavam de desfrisagem, me trouxe lembranças da época em que eu utilizava desses mesmos produtos, do seu cheiro, ardência, e da não aceitação que eu tinha com o meu corpo e cabelo. Lembranças doloridas que não dialogavam com o meu - e que mais tarde fui perceber que várias outras mulheres e homens negros brasileiros também compartilhavam do mesmo - imaginário construído de uma África mítica e ancestral e com a identidade essencialista na qual eu havia colocado todas as mulheres africanas.

Nilma Gomes (2008) cita uma história contada por uma colega militante sobre uma viagem de ativistas brasileiras para Angola, para um encontro de fins políticos. As brasileiras, antes de irem, passaram horas nos salões étnicos e casas de trançadeiras, fizeram penteados elaborados no desejo de se apresentarem “eticamente corretas” diante das africanas. Chegando lá, elas sofreram uma surpresa e decepção, pois a maioria das angolanas tinha seus cabelos alisados com pasta. E as angolanas olhavam para as brasileiras e identificavam os seus penteados como penteados americanos.

Denise Cruz (2017), em sua tese de doutorado em que investiga as emoções e sentimentos relacionados à lida com os cabelos crespos vivenciada por mulheres residentes em Brasília e em Maputo, aponta o seu desapontamento ao chegar em Moçambique e

perceber que estava cercada por mulheres negras que alisavam os seus cabelos, um desapontamento gerado pelas expectativas e um imaginário que a autora havia criado.

Chamo a atenção para esse fato, pois é um movimento que muitas vezes fazemos. Durante toda a minha graduação em Antropologia foi ressaltada por professores, e vários teóricos lidos, a dimensão cultural das práticas. Os penteados que nós negros diaspóricos fazemos, considerado muitas vezes por nós mesmos como naturais e africanos, não passam de penteados e manipulações de negros do Novo Mundo. Não se pode esquecer que as manipulações, assim como as concepções e alterações no corpo, são variáveis e construídas culturalmente.

Denise Cruz (2017), então, me auxiliou durante a realização do campo e agora me auxilia ao refletir sobre todo o processo realizado. Como afirmado anteriormente, para nós mulheres negras brasileiras, baseado no nosso histórico de miscigenação e em toda a classificação e hierarquização racial em que estamos inseridas, o alisar e esconder a raiz crespa tem a ver com esconder o nosso pertencimento étnico, evitar as críticas, os risos e piadas racistas. Enquanto que as mulheres moçambicanas alisavam e retocavam a raiz enquanto escolha e estilo, elas sabem o seu pertencimento étnico e todos sabem que elas são possuidoras de cabelos crespos, não é nenhum segredo social.

As mulheres negras e mestiças moçambicanas sabem que têm cabelo crespo e não querem esconder a sua origem “étnica”. Elas desfrisam porque querem fazer os cabelos crescerem, porque entendem que o cabelo liso é um cabelo organizado, porque naturalizaram a prática de desfrisar. Elas não querem esconder o fato de serem negras ou de terem uma ascendência negra em suas famílias. Como pontuou uma interlocutora de pesquisa em Maputo, “com o cabelo liso, de peruca, com o cabelo crespo, somos negras de todo jeito.” Entre as minhas interlocutoras brasileiras, alisar o cabelo é ser menos negra. Alisando os cabelos podemos nos tornar em mestiça, morena ou mesmo uma branca do cabelo liso. (CRUZ, 2017, p. 110)

Entretanto Denise Cruz aborda no decorrer de sua tese, e eu irei abordar mais adiante, que muitas das modificações capilares realizadas por essas mulheres, vão além de meras modificações ou escolhas de determinado estilos, indicando relações de hierarquia e padrões também criados, o que a autora denomina de preconceitos capilares.

A massiva presença de negros e negras africanas ou filhos de pais africanos em um país predominante branco e que veicula, a todo o momento, um ideal de beleza, de moda, de gastronomia, de música, europeus como os únicos válidos e superiores, mas que há, concomitantemente, lugares predominantemente negros em que há a presença de músicas, comidas, temperos, roupas e sobretudo uma infinidade de salões focados na beleza negra e

nas culturas africanas, me fizeram lembrar todo o meu processo com o cabelo e os salões étnicos de Belo Horizonte. As lembranças, reflexões e conflitos que foram surgindo durante a minha estadia em Lisboa, foram o motor que impulsionou essa pesquisa.

1.3 – Quem pode falar?

É evidente que as minhas questões, sendo uma mulher negra, devem diferir das questões das colegas brancas. Os temas, os paradigmas e metodologias usadas para explicar minha realidade podem diferir desde os temas, paradigmas e metodologias do grupo dominante. Por outro lado, isso não significa que eu sou incapaz de produzir conhecimento, mas que o conhecimento que eu produzo transgredir o academicismo tradicional. Quando eu escrevo, eu descolonizo a academia, transformo as configurações de conhecimento e poder. Cada sentença e cada palavra abre um novo espaço para discursos alternativos e políticas do conhecimento. Isso é a descolonização do conhecimento. (KILOMBA, 2016)

Durante a pesquisa me questionei, e ainda me questiono, sobre o meu lugar de pesquisadora de uma temática que me diz respeito, enquanto mulher negra possuidora de cabelo crespo, que já passou por transições capilares, que modifica o cabelo e faz penteados. Nilma Gomes (2008), logo nos primeiros capítulos, lança mão de discussões comuns entre etnógrafos, sobre a subjetividade no trabalho de campo. Com a sua obra ela demonstra como é possível superar a neutralidade na relação pesquisador/ pesquisado, romper com o “mito do antropólogo assexuado” e utilizar da autoetnografia¹² como método. Por ser uma mulher negra com cabelos crespos que também já passaram por todos os tipos de manipulação, ela se identificava e se via retratada na vida dos entrevistados, que eram pessoas desconhecidas, mas ao mesmo tempo próximas por compartilharem sentimentos recíprocos.

Já Battle-Baptiste (2011) em sua produção, de uma maneira fantástica, introduz o conceito de Arqueologia Feminista Negra, ou seja, uma arqueologia feita por, e ao meu ver principalmente para, mulheres negras. Essas mulheres, ao buscar os romances não contemporâneos, as “histórias de cativo” ou “narrativas neo-escravas” - escritos também por mulheres negras - percebem a complexidade das informações encontradas que não podem ser provadas por documentos ou relatos históricos. Informações pautadas em uma verdade espiritual e emocional, lições e memórias que estão fora do domínio da educação formal.

Essas pesquisadoras, através da análise do passado material, e ao descreverem e pesquisarem as suas próprias vidas e experiências, produzem um diálogo teórico mais coerente e confiável dentro da Arqueologia, realçando de modo positivo as experiências vivenciadas pelas pessoas negras escravizadas.

¹² Para maior desenvolvimento sobre o conceito da autoetnografia, ver Santos (2014, p.214).

A arqueologia, a história e a ciência no geral, escritas em grande medida por homens brancos europeus, não são neutras de gênero e raça, e muito menos livres de demonstrar racismos e sexismos. Essas produções muitas vezes não incluem a herança cultural e as necessidades da população negra, são carregadas de apagamentos, dúvidas e estereótipos que influenciam diretamente na maneira em que a população negra, e principalmente as mulheres negras, são percebidas ainda hoje.

Tendo em vista a colaboração dessas duas autoras e as produções acadêmica de feministas negras brasileiras e estadunidenses, me lembrei de um conceito utilizado por Patricia Hill Collins (2016) que discute perfeitamente as denúncias apresentadas e a minha posição nessa pesquisa, o conceito de *outsider within*, que está relacionado a viver à parte, ver de dentro para fora e de fora para dentro.

Patricia Hill Collins, ao realizar uma revisão cuidadosa da emergente literatura feminista negra, observou que muitas intelectuais negras, principalmente as marginalizadas academicamente, exploram esse ponto de vista e produzem análises distintas acerca das questões de gênero, raça e classe.

Isso porque ser uma mulher negra escrevendo e observando sobre algo é ter um ponto de vista especial. Os nossos pontos de vistas são permeados pelo contexto em que estamos inseridas, somos construídas socialmente e a nossa sociedade cria “lentes” pelas quais analisamos o mundo. Entretanto a maneira pela qual uma mulher negra periférica vê e experimenta o mundo é completamente diferente da maneira pela qual uma mulher branca de classe alta vê, por exemplo. O acesso a bens simbólicos e culturais e os problemas enfrentados são distintos, criando assim diferentes perspectivas sobre o mundo.

Dessa forma, mulheres negras possuem uma habilidade em ver padrões que dificilmente podem ser percebidos por aqueles e aquelas imersos na nossa sociedade marcada pelo racismo, machismo e sexismo.

Ao realizar as entrevistas, frequentar os salões, o Centro Comercial Babilônia em Lisboa, ou em descompromissadas conversas com outras mulheres negras, sendo cabelereiras ou não, sinto que elas se sentiam a vontade em conversar comigo, já que muitas vezes elas mesmas iniciavam a conversa, ou davam um sorrisinho de lado, solidário, quando eu passava por elas. Sendo assim deixo, por um minuto, de ser *outsider*: a pesquisadora, acadêmica; para me tornar uma *insider*: somos mulheres negras, deslocadas dos nossos países de origem, e a

manipulação dos nossos cabelos crespos possuem uma centralidade em nossas vidas. A pesquisa ganha outro caminho.

Ainda de acordo com Collins, apesar dos obstáculos, privações e dor da marginalidade que esse status garante, ele pode funcionar como um estímulo à criatividade, e assim enriquece a teoria feminista e o discurso sociológico contemporâneo, já que geram um ponto de vista diferente em comparação com os paradigmas sociológicos existentes.

Por isso dedico esse primeiro capítulo da minha monografia me contextualizando, pontuando quem eu sou e como esse trabalho me diz respeito, sobretudo enquanto mulher negra. Como ele apresenta uma parcialidade, como todos os outros trabalhos também apresentam, mas que esse fato muitas vezes é ignorado pelas relações de poder que estão em voga.

Portanto, eu chamo para uma epistemologia que inclua a subjetividade e o pessoal como parte do discurso acadêmico, para que possamos todos juntos falar de um espaço, lugar e tempo específico, de uma realidade e história específica (HALL, 1990), não há discursos neutros. Quando acadêmicos brancos reivindicam um discurso neutro e objetivo, eles não reconhecem o fato de que eles também escrevem de um lugar específico que, certamente, não é neutro, nem objetivo, nem universal, mas dominante. É um lugar de poder. (KILOMBA, 2016)

A minha metodologia perpassa pela minha história, pela história de vida das mulheres que entrevistei, conversei e convivi durante o campo realizado em Lisboa, mas principalmente daquelas que passaram pela minha vida. Tudo isso me afeta enquanto pesquisadora por se tratarem de partes de mim, mas não faz com que minha pesquisa perca a sua cientificidade. Eu vou além de entrevistas semiestruturadas e gravações de áudio, foco nas minhas observações e sentidos, como afirma Peter Fry diante algumas inquietações de seus alunos sobre metodologias,

Tenho observado entre alunos meus, um certo medo de utilizar as suas observações, como se fossem menos “objetivas”, menos “científicas”, menos “comprováveis” que as impressões digitais nos CDs e DVDs. O que as pessoas fazem e dizem em situações sociais que podemos observar valem, do meu ponto de vista, muito mais que entrevistas formais, que tendem a apanhar posições normativas. (FRY, 2011, p.11)

Por fim, o que eu discuto aqui não se relaciona a deixar ser afetado, de recuperar a falta de sensibilidade no campo, ou observar participando e participar observando, muito menos uma tentativa de estar realmente lá e ter empatia, tentar se imaginar no lugar do outro ou representar o lado de lá, as suas sensações, pensamentos e percepções, como é defendido por vários antropólogos e antropólogas. Esse trabalho é sobre uma etnografia que foi feita em

um salão de beleza em Lisboa, mas também é sobre a minha própria história e a história de várias mulheres negras que cruzaram a minha caminhada. Esse trabalho é sobre ser.

Capítulo 2 – A Amadora e o Babilônia: espaços de socialização negra em Lisboa

Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte

[...]Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas

(Um corpo no mundo, Luedji Luna)

2.1 - Breve contextualização: Lisboa e a imigração negra

Ao chegar a Portugal, me assustei com a quantidade de pessoas negras na capital Lisboa. Inicialmente eu acreditava que o país teria uma maioria esmagadora de pessoas brancas, mas na medida em que eu andava pelas ruas centrais, ou entrava no metrô e nos ônibus, eu percebia que a realidade era outra.

Portugal, durante séculos, atraiu muitos imigrantes principalmente devido às suas qualidades geográficas, naturais e estratégicas, ao seu clima mais favorável, em comparação com outros países europeus, e por ser a principal porta dos países mediterrâneos para o oceano Atlântico. A presença africana no país, assim como em outros países da Europa, é antiga, principalmente devido às trocas comerciais que aconteciam entre o norte do continente Africano com o sul da Europa muito antes dos processos de colonização em África. Isabel Castro Henriques (2011) cita um registro do cronista Gomes Eanes de Zurara que descreveu a chegada do primeiro grande carregamento de escravizados em 1444, cerca de duzentas pessoas entre elas homens, mulheres e crianças.

O século XVI foi marcado pelo aumento significativo da população africana em Portugal, sobretudo em regiões urbanas. Homens e mulheres escravizados, livres e alforriados chegavam a todo o momento, principalmente para trabalhar nas mais diversas atividades.

Após o dia 25 de Abril de 1974¹³, com a democratização de Portugal e o fim da dominação colonial em África, houve um intenso fluxo de chegada ao país. Inicialmente com o movimento dos retornados¹⁴, e posteriormente dos imigrantes africanos. Esse processo foi intensificado com a entrada de Portugal na União Europeia e o seu reconhecimento enquanto um exemplo econômico dominante, assim como com a consolidação das independências das ex-colônias africanas e a procura de melhores condições socioeconômicas na Europa por muitos africanos.

O Portugal democrático abriu as portas da multiculturalidade. Se velhas práticas culturais africanas continuam visíveis, novas influências chegaram de África, por via quer dos portugueses retornados, quer das comunidades africanas que se fixaram no país mantendo ou adaptando as suas formas civilizacionais. (HENRIQUES, 2011, p.75)

Em algumas localidades da capital há uma presença maior de imigrantes africanos e portugueses filhos dessa diáspora. Regiões como a Mouraria, Rossio e Martim Muniz, localizadas no centro de Lisboa, e principalmente no Largo São Domingos¹⁵ (Figura 6 e 7), concentram um grande número de africanos e africanas, de diferentes países, idades e religiões. Eles se encontram para conversar, jogar e realizar comércio informal, com a venda de capulanas¹⁶, túnicas, livros, revistas, sementes, temperos, cabelos, produtos de beleza e até serviços de cura com folhas e raízes. Isabel de Castro Henriques e Pedro Pereira Leite (2013) discorrem sobre a importância histórica e social dessa região,

Ontem como hoje, o Rossio e o Largo de São Domingos são os lugares do encontro preferidos pelos africanos. Se o Rossio era, para todos – incluindo os africanos -, o largo da feira onde tudo se comprava e se vendia, o local onde se podiam encontrar artesãos à espera de clientes, o espaço das muitas festas, das touradas, dos conflitos, das tabernas, do Hospital de Todos os Santos, dos muitos espetáculos como os autos-da-fé da Inquisição, a Praça da Figueira, ao lado, acolhia forasteiros que aí encontravam grandes feiras especializadas onde era possível tocar as produções

¹³ Data relacionada à Revolução de 25 de Abril de 1974, ou Revolução dos Cravos, e ao fim do regime salazarista.

¹⁴ “Retornados” é a nomenclatura atribuída aos portugueses que deixaram o país na época do regime ditatorial salazarista, e que regressaram após a Revolução dos Cravos e o processo de descolonização das ex-colônias portuguesas em África.

¹⁵ A Igreja de São Domingos desempenhou um papel central na proteção dos africanos lisboetas, principalmente ao abrir as portas para a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que tinha uma ação social, econômica, familiar e moral. Essa Confraria visava proteger os seus membros, organizar ações de convívio, apoio e solidariedade, o que tornou a região um espaço de acolhimento e de integração de homens e mulheres africanos que começavam a se multiplicar pela cidade.

¹⁶ Capulana é o nome dado aos tecidos africanos estampados em Moçambique, mas esses tecidos podem adquirir outras nomenclaturas em outros países africanos, como *kanga* no Quênia e *pagne* no Congo, e até mesmo em outras línguas dentro de Moçambique, em macua, por exemplo, é denominado *ekuwo*, segundo Helena Santos Assunção (2015). Eles são utilizados por mulheres e homens africanos, mas majoritariamente por mulheres, como saias, trouxas para carregar roupas, amarrados para carregar crianças nas costas ou ainda no cabelo. No Brasil eles estão presentes em peças de roupas e calçados, brincos e acessórios para o cabelo. Nesse presente trabalho irei utilizar a nomenclatura Capulana por ter sido assim apresentado para mim no nosso primeiro contato.

nacionais e as mercadorias importadas. Entre as duas praças, mas ligado ao Rossio, o Largo de São Domingos foi o lugar onde homens e mulheres de África puderam encontrar desde finais do século XV acolhimento e apoio que tornaram menos dura a sua integração na sociedade lisboeta. (HENRIQUES; LEITE, 2013, p.17)



Figura 6 - Street View Largo São Domingos. Julho 2009

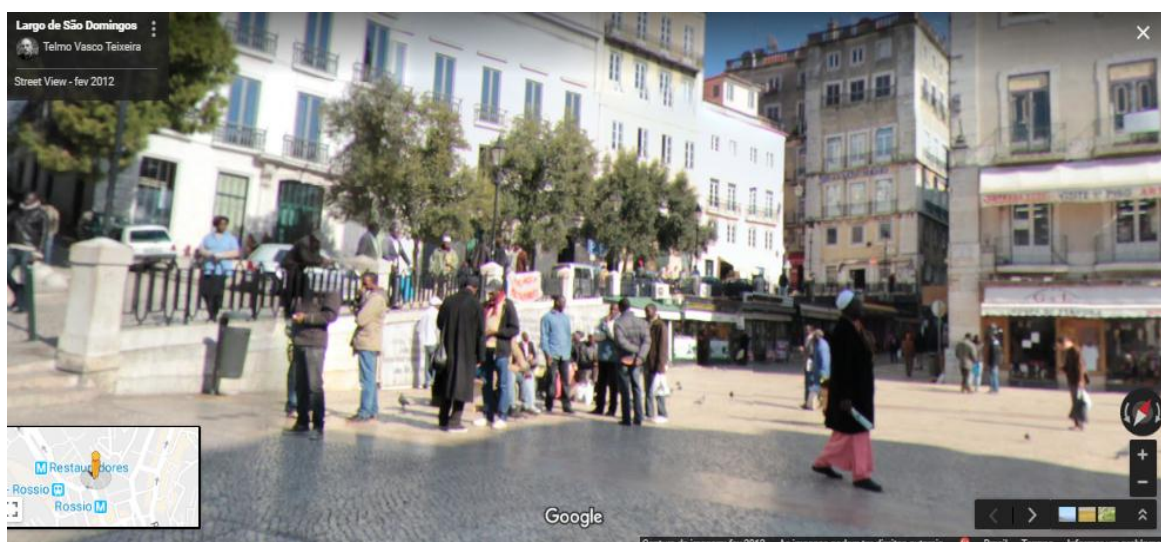


Figura 7 - Street View Largo São Domingos. Fevereiro 2012

O convívio entre naturais e estrangeiros dinamiza as vivências compartilhadas na cidade, transformando-a em uma metrópole multicultural. Infelizmente, junto ao crescimento da chegada de africanos nas últimas décadas em Lisboa, ocorreu também a intensificação de

manifestações racistas e xenofóbicas. Como afirma Stuart Hall (2003), o período da globalização cultural mesmo sendo pós-moderno, continua se comportando tal como o modernismo: mantendo as desigualdades. Por um lado, há a valorização da diferença, mas, por outro, há uma reação agressiva a essa diversidade e ao multiculturalismo, um racismo cultural e uma xenofobia. Assim, algumas localidades são reconhecidas pejorativamente devido à grande presença de imigrantes, esse é o caso da Região da Amadora.

2.2 A Região da Amadora

A descoberta do Centro Comercial Babilônia foi feita através de conversas informais que tive com Laurinda e Nzinga, mulheres negras estrangeiras realizando mestrado no Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE onde eu realizei a mobilidade acadêmica. Laurinda é angolana e mestranda em psicologia, já Nzinga é de São Tomé e Príncipe e mestranda em Estudos Africanos. Ao perguntar a elas se conheciam algum salão em Lisboa onde eu poderia cuidar do meu cabelo crespo, de imediato elas me indicaram o Centro Comercial Babilônia, localizado na região da Amadora, como um local de fácil acesso à compra de cabelos, naturais e artificiais, e de realização das manipulações, como os diversos tipos de tranças e técnicas de extensões¹⁷, coloração, brushing¹⁸, desfrisagens¹⁹, permanente afro, entre outras.

A minha primeira visita à Amadora foi no dia 13 de março de 2018, eu estava em Lisboa há um mês e ainda não tinha entrado em um comboio²⁰. A maneira mais fácil de chegar ao Babilônia, como as pessoas denominam o local, é através do comboio, seguindo a linha de Sintra, e descendo na Estação da Amadora. A linha de Sintra é famosa por ligar a capital à Sintra, uma cidade histórica bastante turística. Entretanto muitas pessoas me desaconselharam a pegar essa linha, dizendo que, devido às regiões pelas quais passa, ela é perigosa e violenta. De imediato fiquei receosa. Pesquisei e tentei entender a que perigo essas pessoas, em sua maioria portuguesas brancas, estavam se referindo (só mais tarde que eu fui perceber o motivo do alerta). Como eu não encontrei nenhuma informação que me deixasse amedrontada, eu resolvi ir, mas acompanhada de um amigo português, João.

Conheci João no ISCTE. Português negro e filho de pai português com mãe moçambicana, assim que nos conhecemos e comentei sobre a minha pesquisa e o desejo de ir

¹⁷ Semelhante ao aplique, se refere à colocação de cabelos, naturais ou artificiais, para aumentar o seu comprimento e volume. Algumas cabelereiras utilizam esse termo para se referir à colocação de tranças e dreads.

¹⁸ Técnica de secagem rápida do cabelo, com o secador em alta temperatura, sem muita preocupação com o acabamento, garantindo que o cabelo fique com o efeito natural.

¹⁹ Semelhante ao alisamento, no qual se objetiva deixar os cabelos lisos e pouco volumosos.

²⁰ Como são denominados os trens.

Assim que eu me levantei para descer na estação da Amadora, observei que à minha volta só havia pessoas negras, homens e mulheres, crianças, jovens, todos com os mais variados penteados e tipos de cabelos, não parecia que eu estava em Portugal, me animei e me senti ainda mais motivada com o campo.



²¹ É o nome dado à menor divisão Administrativa dentro dos Municípios de Portugal.

1970 se fixou na freguesia. Há a presença de angolanos, moçambicanos e guineenses que se instalaram posteriormente, e atualmente, de brasileiros e imigrantes do leste europeu.

De acordo com o Relatório Estatístico Anual de 2016, da coleção “Imigração em Números”, organizado pelo Observatório das Migrações, Amadora é o quarto município com o maior número de imigrantes, ficando atrás de Lisboa, Sintra e Cascais, respectivamente. Entretanto esses municípios se destacam pelo impacto que o número de estrangeiros tem em comparação com o total de residentes, em Lisboa os estrangeiros representam 9,8% da população residente, em Cascais 9,6%, em Odivelas e Sintra 8,6%, enquanto que na Amadora eles são 10,2% dos residentes, ou seja, por mais que essas cidades possuam um maior número bruto de imigrantes, na Amadora a presença deles é maior em comparação com o número de residentes totais, sendo a sua presença mais notada.

Já segundo o Instituto de Estatística de Portugal – INE - com o estudo realizado sobre a população estrangeira em Portugal no ano de 2011, entre a população imigrante na Grande Lisboa, observou-se uma grande concentração de uma população proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa - PALOP's²². Amadora e Sintra, por exemplo, juntas concentravam 35% do total da comunidade Cabo-verdiana, 26,6% da Angolana e 37,3% dos cidadãos da Guiné-Bissau. Apesar desse quadro ter sido modificado nas últimas décadas, aqui me baseio na grande presença dessa imigração africana, sobretudo guineense, para discorrer sobre o observado.

Encontrei com João na estação e ele me levou para darmos uma volta na região. Perguntei o porquê das pessoas falarem que a linha de Sintra é perigosa, ele parou e com um riso frouxo disse: “por causa do racismo neh”. Assim que João me respondeu, lembrei-me da célebre passagem de Fanon (2008):

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo” Medo! Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. [...] Olhe o preto!.... Mamãe, um preto!... Cala a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto! Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer! (FANON, 2008, p.107)

²² Os países participantes são: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e em 2014 a Guiné Equatorial tornou-se novo membro da organização.

A resposta era lógica, as freguesias por onde passa a linha de Sintra são freguesias em que a maior parte dos seus residentes são pessoas negras, que frequentemente sofrem com a violência policial²³ e com os abusos de poder. A população branca imputa ao corpo negro o imaginário do medo, que permeia durante séculos, o temor à mistura com o escravizado, à degeneração social humana já que ele é considerado uma raça inferior, às revoltas escravas, à ameaça que ele representava ao projeto de civilidade, e que agora, representa à moral e aos bons costumes. Reforçado pelas teorias da frenologia, criminologia e eugenia²⁴, sobre esse corpo está cravado o estereótipo de suspeito, perigoso, criminoso, pervertido e louco.

Ângela Gomes e Maria Lúcia Wakisaka (2017) discutem sobre o debate do racismo na sociedade contemporânea, como ele orienta uma série de análises sobre as relações culturais e inter-raciais e como através dele é possível compreender as fronteiras criadas tanto nos espaços físicos quanto nos simbólicos.

O racismo é, na verdade, tanto um suposto saber imediato sobre outro (portanto, um sistema de representações) quanto uma relação social concreta no interior de um território que se identifica como nacional. Em tal relação, o outro aparece classificado por categorias históricas e hierarquicamente marcadas como “raça”, “migrante”, estrangeiro e logo excluído (ou então incluído apenas como objeto de exploração) da parceria social. (GOMES e WAKISAKA, 2017, p.173)

²³ Um evento que estava no centro das discussões de moradores e ativistas enquanto eu estava em Lisboa foi a acusação de racismo pelo Ministério Público de dezoito agentes, em julho deste ano, por torturarem e agredirem seis jovens durante uma detenção em Cova da Moura em Fevereiro de 2015. Mais informações: <https://www.publico.pt/2017/07/14/sociedade/noticia/queixas-de-violencia-policial-na-cova-da-moura-uma-historia-antiga-1779028> (Acesso em: 18 de setembro de 2018)

²⁴ Para maiores informações sobre essas teorias consultar: SCHWRCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

2.3 - O Centro Comercial Babilônia



Figura 9 - Centro Comercial Babilônia (foto minha)

O Centro Comercial Babilônia (Figura 9) fica localizado próximo à estação de comboio Amadora, é uma região movimentada e com vários comércios no entorno. O Babilônia está situado em um prédio simples e não muito extenso. Todas as vezes que eu fui até lá, ele sempre estava cheio, principalmente às sextas-feiras e finais de semana na parte da tarde, quando os salões de beleza ficam tomados por pessoas esperando ser atendidas e as lanchonetes e bares também ficam cheios de pessoas em pé conversando e tomando cerveja. Ele é um dos Centros Comerciais mais antigos de Portugal, foi inaugurado em dezembro de 1984 e conta com praça de alimentação e de serviços, e cerca de 200 lojas.

A maioria dos seus frequentadores são pessoas negras, portuguesas e provenientes de países africanos, e em menor proporção de chinesas, indianas e paquistanesas que lá trabalham e que são proprietárias de algumas das lojas que vendem cabelos naturais e de lojas que vendem e consertam aparelhos eletrônicos, algumas das poucas que não estão relacionadas ao mundo da beleza. Além do grande número de lojas voltadas para a estética, há também joalherias, lojas que vendem roupas e agências de Turismo (Figura 10). Essas duas últimas reforçam o perfil da maior parte do seu público, já que a maioria das lojas de roupas vendem artigos da moda de muitos países africanos, e nas agências de turismo, pacotes de viagem e passagem aéreas para países como Angola, Guiné Bissau, Moçambique, Cabo Verde, Senegal, São Tomé e Príncipe, Brasil e Paquistão.



Figura 10 - Cartaz pregado em uma Agência de Turismo no Centro Comercial Babilônia (foto minha)

Ao andar pelos seus corredores, a quantidade de lojas e salões de beleza, a sua grande maioria gerida por africanas, chama bastante atenção. Salões femininos e masculinos, em menor proporção, diferentes um dos outros: coloridos, com cabelos pendurados nas vitrines, fotografias de manipulações e penteados, alguns também vendem roupas, acessórios e até alimentos como vegetais, farinhas e temperos (Figuras 11, 12 e 13). Andar pelo Babilônia era

ver crianças brincando e correndo nos seus corredores, escutar mulheres rindo e conversando alto e sentir cheiros que não me são comuns, de carnes, sementes, vegetais, temperos e frituras.



Foto 11 - Loja comum no Centro Comercial Babilônia, venda de cabelos e de alimentos. (foto minha)

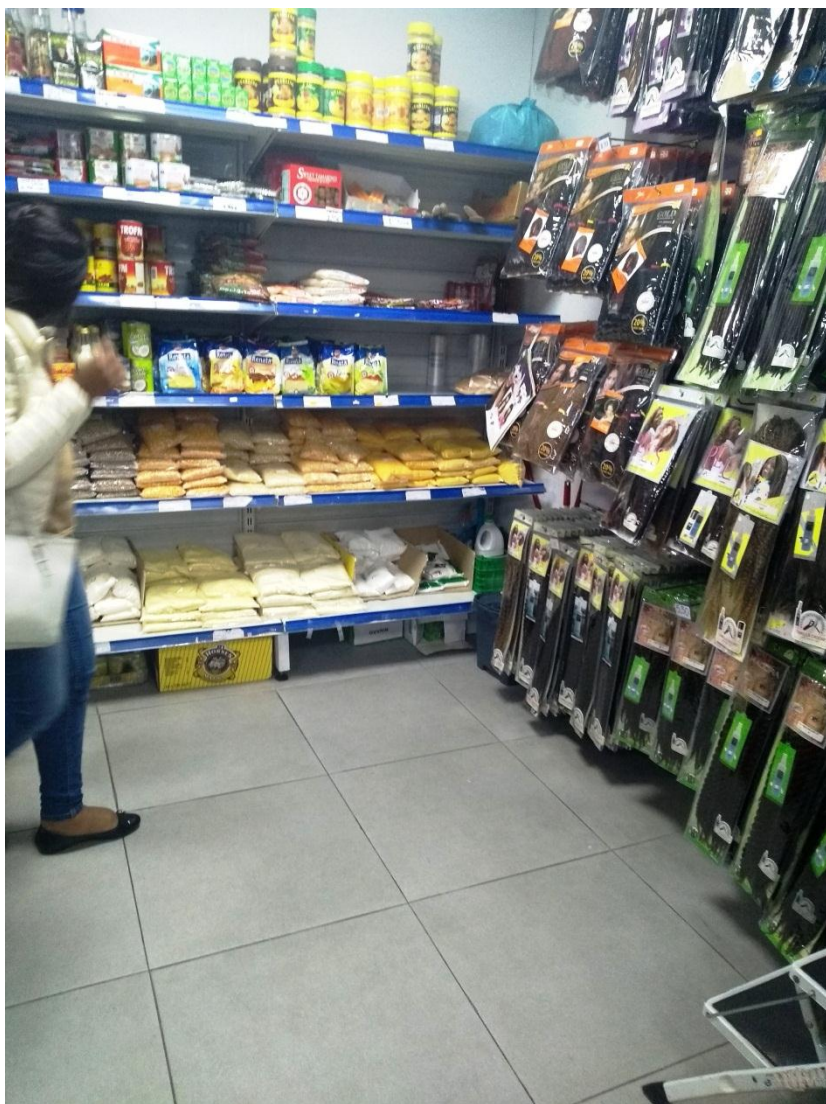


Figura 12 - Loja comum no Centro Comercial Babilônia, venda de cabelos e de alimentos. (foto minha)

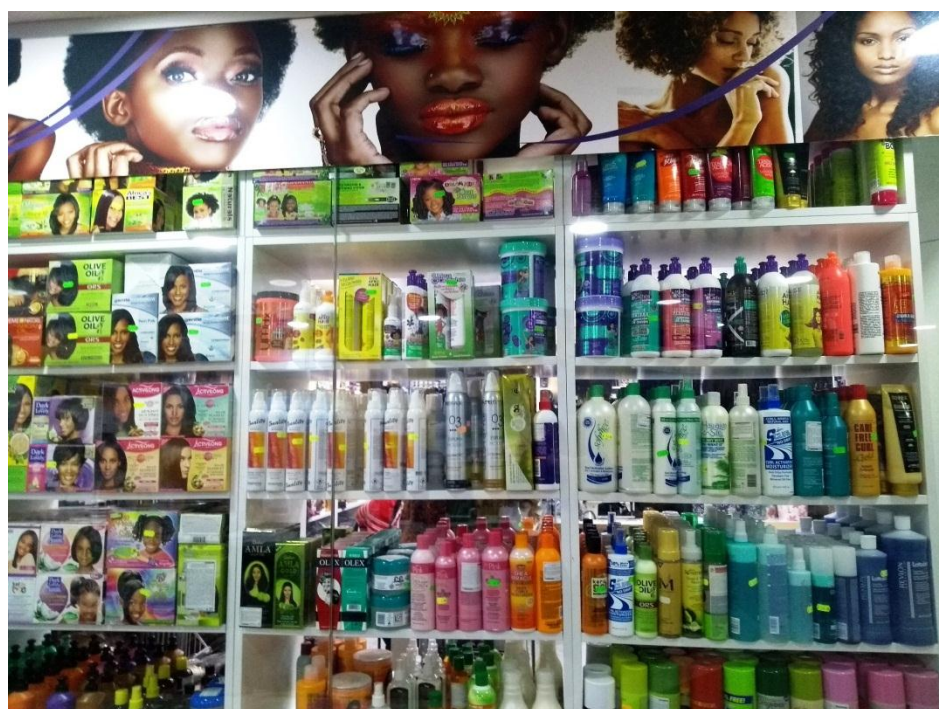


Figura 13 - Loja no Centro Comercial Babilônia, venda de cosméticos.

A primeira dificuldade metodológica foi como limitar o meu espaço físico do campo já que, como informado anteriormente, grande parte de cerca das 200 lojas localizadas no Centro Comercial são salões de beleza. Qual salão escolher? Escolher apenas um ou dois? Como iniciar o contato? O que falar?

Essas foram algumas das perguntas que pairaram em minhas primeiras idas ao Centro Comercial, as quais não foram tão produtivas quanto eu imaginava. Principalmente por que eu não conseguia interagir com as proprietárias e frequentadoras dos salões presentes. Ao passar pelas suas portas, as conversas paravam e os olhares se voltavam para mim, as cabelereiras me chamavam para entrar, perguntavam se eu precisava de alguma ajuda ou o que eu gostaria de fazer em meu cabelo, que estava crespo e solto. Oferecer alguma manipulação ao meu cabelo não era só por eu estar em um ambiente repleto de salões e que a maior parte das pessoas que o frequentam tem como objetivo fazer algo em seus cabelos, mas sim porque o meu cabelo estava crespo e sem penteado, tranças ou apliques.

Eu percebi esse fato ao ser interpelada por uma cabelereira na minha segunda ida ao Babilônia. Eu disse a ela que não queria fazer nada em meu cabelo, que eu estava apenas olhando os preços e modelos de tranças para uma amiga. Essa foi a estratégia utilizada para conseguir um maior diálogo e talvez avançar uma conversa, assim como tomar um café no balcão de uma das lanchonetes que é frequentada pelas cabelereiras. A cabelereira logo me perguntou o porquê de eu não querer fazer algo em meu cabelo, por que eu “não queria ficar bonita e diferente”. Sem saber muito o que responder, disse que gosto de usá-lo natural e solto. Ela então me disse: mas é bom mudar.

O “ser bom mudar”, garante quase um patamar de obrigação, não no sentido negativo e penoso, mas sim no que se refere ao comum, ao costume e à identidade. “Ser bom mudar” foi algo que permeou boa parte das conversas que tive com cabelereiras e clientes, era preciso mudar, e mudar frequentemente, colocar tranças, mudar o seu tamanho e coloração, colocar aplique liso, encaracolado, crespo, longo, curto, preto, loiro, vermelho. E o “não mudar” é ir contra esse costume e os seus ideais de beleza. Entendi que para eu conseguir fazer esse campo seria necessário muito mais do que disposição e tempo. Seria necessário que eu também mudasse.

Essa minha visita ao Babilônia continuou com outra postura, iria procurar salões para uma amiga fazer tranças, mas eu também estaria disposta a mudar, e mudar significava

também gastar dinheiro. De acordo com uma reportagem do RTP²⁵ realizada no Babilônia em 2015, havia penteados que chegavam a custar 500 euros a mão de obra da profissional, e cabelos vendidos por 330 euros o quilo. Ou seja, quais mulheres negras tem a condição financeira de pagar?

Percebi, então, que há um recorte de classe no público frequentador do Babilônia, e consequentemente na minha pesquisa. Nem todas as mulheres negras africanas em Lisboa têm uma renda que permite modificar os seus cabelos com maior periodicidade. Mas, ao mesmo tempo, manipular os cabelos tem uma centralidade na beleza tão grande que muitas preferem pagar caro, mesmo não podendo, ou pegar dinheiro emprestado, ficar devendo para a cabelereira, deixar de comprar outros acessórios para assim poderem gastar com os cuidados do cabelo. Denise Costa (2012), em sua pesquisa em Moçambique, afirma que mulheres moçambicanas de classe média chegam a investir mais de 1/3 do salário nos cuidados do cabelo.

O Centro Comercial Babilônia e a Região da Amadora representaram para mim o que Nilma Gomes (2008) discute ter representado para ela os salões de beleza étnicos de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil: espaços corpóreos, estéticos e identitários, onde veiculam também discussões políticas e ideológicas. Um núcleo de sociabilidade negra onde há redes de amizades e de parentesco, e a elaboração de sentimentos de pertença.

Local onde há, concomitantemente, uma afirmação da sua identidade, através do comércio da moda, alimentos, temperos e hábitos do seu país de origem. Mas que há também a construção de uma nova identidade, translocada, por se estar em outro contexto. Como é abordado por Paul Giroy (2001) ao analisar as estruturas e redes formadas na modernidade que permitiu à população negra diaspórica formarem uma cultura que não pode ser considerada somente africana, caribenha, estadunidense ou britânica, mas sim todas elas ao mesmo tempo. O autor usa a metáfora do Atlântico Negro, e assim repudia a identidade estável para conceber a ideia da cultura do atlântico negro, uma cultura que por ser híbrida, não está delimitada às fronteiras étnicas ou nacionais. Dessa forma, ao entrar no Babilônia pela primeira vez e ao frequentar o salão de beleza da Ângela, eu percebi que os pressupostos que eu havia levantado para o campo, eram, na verdade, um movimento de colocar nesses corpos translocados uma identidade e um comportamento estático.

²⁵ RTP – Rádio e Televisão de Portugal, é uma empresa estatal portuguesa que inclui estações de rádio e televisão públicas. Para ter acesso à reportagem citada: https://www.rtp.pt/noticias/pais/ha-cerca-de-200-lojas-a-funcionar-no-centro-comercial-babilonia_v804114 (Acessado em 19/09/2018)

Capítulo 3 – Texturização: O Salão Ângela Tranças artísticas

Mar Negro

[...] Não estava sol
Preferi as nuvens negras
Trazendo ondas crespas
Envoltas num mar escuro
Coroadas de espuma
Pingos de chuva traçavam as ondas do mar revolto
Apontando caminhos de paz

Ondas
Ondas crespas arrebatando a dinastia do sol na tarde cinza

Anunciando a noite escura
O mar da cor do azeviche surgiu
Imenso, indomável
E as nuvens negras sorriram
Contemplando a beleza dos escurecimentos encontrados.
(SOBRAL, 2016, p.96)

3.1 – Desembarçando: Ângela e as minhas dificuldades em campo

Continuei andando pelo Centro Comercial Babilônia, com a minha nova postura, disposta a também mudar. Depois de entrar em alguns salões perguntando o valor das tranças, eu avistei o Salão da Ângela.

O salão “Ângela Tranças artísticas” fica próximo a uma das saídas do primeiro piso, ao lado de uma loja de palestinos que vendem sementes e farinhas, e na frente de outro salão de beleza que tinha, assim como a maior parte dos outros salões do Centro Comercial, várias imagens de penteados e cortes em suas fachadas. O salão da Ângela me chamou a atenção por não ter essas imagens de cabelos e penteados, ele tem várias túnicas, capulanas e produtos para cabelo em sua vitrine. E também, diferente dos outros salões, nenhuma mulher, ao me ver passar, me chamou ou gritou perguntando o que eu queria fazer, indicando a intensa disputa por clientes ainda não fidelizados a um espaço. Essa insistência me deixava muitas vezes deslocada e sem saber como agir. Ao parar na porta do salão de Ângela, perguntei para uma mulher que estava em pé e próxima se no salão elas faziam tranças longas soltas. Uma outra mulher, ao fundo, gritou enquanto lavava o cabelo de uma cliente, me mandando entrar, por que dali ela não me escutava.



Figura 14 - Foto de parte da vitrine do Salão Ângela Tranças Artísticas. (foto minha)

O interior do salão era colorido, com uma parede pintada em faixas de diversas cores. O ambiente era pequeno e com muita informação, cabelos e apliques, de várias cores, tamanhos e texturas, dependurados em diferentes lugares, capulanas, produtos e pentes estavam em uma bancada, sem muita organização. Entrei e conversamos um pouco sobre as tranças, senti afinidade com a cabelereira que respondia, com bom agrado, as minhas perguntas e dúvidas, resolvi então fazer naquela hora mesmo uma trança de lado no meu cabelo (Figura 15).



Figura 15 – Foto da minha primeira manipulação no Salão de Ângela. (foto minha)

Eu acabava de escolher o meu campo. A escolha não foi feita aleatoriamente, mas sim seguindo os meus sentidos. Principalmente através da afinidade que eu senti logo no início. O salão da Ângela foi o que eu me senti mais à vontade e que percebi que eu poderia avançar com mais conversas com as cabelereiras e as clientes. A cada salão que eu entrei durante o processo de escolha, eu sentia novas sensações de estranhamento e intimidade, por me lembrar, de certa forma, dos salões que frequentei durante boa parte da minha vida e que ainda frequento. Voltando ao que foi discutido no primeiro capítulo, seria impossível separar minhas emoções, sensações e experiências, ou seja, a minha subjetividade, apesar da grande diferença contextual, do que eu me propunha a pesquisar.

A partir desse dia, semanalmente eu fui ao salão da Ângela. No início eu não sabia muito bem o que fazer, nem qual justificativa usar, resolvi então, na semana seguinte, levar uma amiga para trançar o seu cabelo, na lateral igual ao meu, e dependendo de como fosse, eu falaria para a Ângela sobre a minha pesquisa. Tudo saiu como o esperado, Ângela ficou feliz quando eu apareci com uma amiga, gostou do tema da minha pesquisa e não viu empecilhos em eu ficar no salão alguns dias, desde que eu levasse mais amigas para trançarem o cabelo lá. “Durante meses eu era a mulher que insistentemente invadia a intimidade do espaço de trabalho e da vida daquelas pessoas, observava, conversava, entrevistava e estabelecia laços de amizade” (GOMES, 2008, p.34).

Esse foi o nosso combinado, a nossa troca seria essa, ela suportaria a minha presença e as minhas insistentes perguntas, ao passo que ganharia mais clientes. Pensei se eu não estaria pagando para pesquisar. Entretanto mais tarde, ao ler a passagem da tese de Denise Cruz (2017), quando ela conta sobre qual era a sua pesquisa inicial em Moçambique e sobre as suas dificuldades em adentrar no campo, observei certa semelhança, sobretudo no que se refere a essa troca, que, de certo modo, de início me incomodava.

Mas durante um mês não fui convidada a visitar nenhuma casa a não ser a que estava morando e, quando tentava me aproximar dos vendedores/agricultores da rua, esses não pareciam afeitos a conversas demoradas. Mais tarde entendi algumas coisas. Uma delas era que alguns não falavam português. A segunda é que eles, por serem vendedores, não estavam ali para fazer amizades ou estabelecer conversas sobre sua produção, estavam trabalhando e não se interessavam por perguntas de uma mulher que queria se aproximar sem ao menos comprar alguns de seus produtos. Muito tempo depois, ao comentar sobre o assunto com uma amiga moçambicana que é socióloga, Eurice Agneta, e que estava no Brasil para fazer um curso, ela me disse que para realizar esse tipo de pesquisa eu deveria pagar para as pessoas disponibilizarem o tempo delas para a pesquisa. (CRUZ, 2017, p.41)

Pretendo fazer duas observações sobre essa passagem. A primeira é que talvez tenha sido esse o meu incômodo, pagar Ângela, ao levar outras clientes e ao fazer manipulações no meu próprio cabelo, para ela disponibilizar o seu tempo, curto e corrido, para a pesquisa. A pesquisa, então, geraria gastos, com as passagens, o pagamento da sua mão de obra, e eu teria que conseguir clientela para Ângela. Entretanto, esses gastos não foram um empecilho para a realização da pesquisa, nem encontrar mulheres dispostas a realizarem penteados e pagar por eles. Como discutido anteriormente, gastar para realizar manipulações nos cabelos é algo comum para a maior parte das mulheres negras, eu e minhas amigas, especificamente duas brasileiras negras, já gastávamos com esse tipo de serviço no Brasil, e não ter um salão de confiança, que sabia trabalhar com cabelos crespos e cacheados, era algo que já nos angustiava após dois meses morando em Lisboa. Sendo assim, o convite para ir ao salão e

a explicação da minha pesquisa foram muito bem recebidas por minhas amigas, como um alívio, ao mesmo tempo que era uma ferramenta para retomar memórias positivas das nossas idas aos salões no Brasil e os cuidados que tínhamos com os nossos cabelos desde as nossas infâncias.

Illa²⁶ (Figura 16), uma das minhas amigas durante o intercâmbio e que se interessou em ir na Ângela para fazer tranças laterais, ao conversarmos sobre a nossa ida ao salão, me disse:

[...] Era um ambiente gostoso, que a gente conversava, eu adorei ela, e aí entra a trança com um outro peso. Não como um instrumento de domar aquilo que está rebelde. A trança entra como outras possibilidades de se embelezar, olha o seu cabelo não precisa ser domado, ele pode, a trança pode entrar como um ornamento, não sei se ornamento é uma palavra boa, mas como um outro lado seu que não é um lado negativo. Não tô fazendo isso por que meu cabelo é x ou y, estou fazendo isso para ficar ainda mais bonita, para me encontrar mais em determinada cultura, para sempre em prol de enfim, então eu acho que Ângela é um lugar de pertencimento e de afirmação disso. Por isso eu achei que me fez bem, eu gostei muito de, embora tenha um jeito, o jeito de fazer a trança seja diferente neh, a da Lana saiu e tal, eu acho que a confiança que vocês tiveram depois de trançar o cabelo todo, também mudou. Mudou a forma que vocês se colocavam no mundo, se colocavam nas relações e isso é muito potente. (Trecho da conversa que tive com Illa, após a ida ao Salão da Ângela).

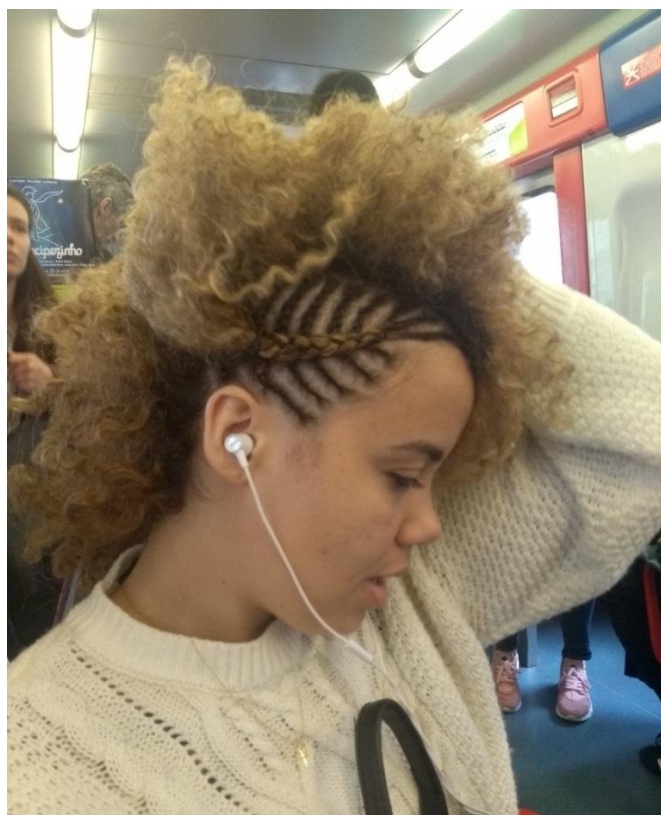


Figura 16 – Illa após realizar a trança lateral com Ângela (foto minha).

²⁶ Illa é baiana, mas mora em São Paulo há 16 anos, com parte da sua família, se autoidentifica negra de pele mais clara e possui cabelo crespo loiro. Está cursando psicologia na PUC-SP e realizou o intercâmbio para Lisboa através do Programa Santander Ibero, que oferece bolsas de estudos para intercâmbio internacional.

Assim, na outra vez que visitei o salão, levei outra amiga, na outra vez fui sozinha para ela destrançar a minha trança lateral, na seguinte com outra amiga, e assim sucessivamente.

Ângela, a proprietária do salão, é de Guiné-Bissau, mora em Lisboa há alguns anos e possui o salão há mais de sete anos. Inicialmente, ela saiu do seu país para estudar em Moscou, através de um convênio que o governo guineense firmou com o governo russo, que disponibilizava bolsas de estudos para alguns estudantes que passassem por um processo seletivo, fossem estudar em algumas universidades russas. Ângela passou no processo seletivo, algo que ela afirmou fortemente, além de ter passado, ela era uma das poucas mulheres que passou no processo.

Assim, Ângela foi cursar Relações Internacionais e Jornalismo, entretanto por infortúnio, logo nos primeiros meses, ela teve uma crise de apendicite e teve que ficar internada no hospital durante três meses. Como ainda não tinha feito amizades no país novo, ela ficou os três meses sozinha no hospital. Apesar dela, e todos os outros estudantes guineenses, terem passado por um curso para aprender o básico do russo, esse episódio da doença foi fundamental para que ela aprendesse o russo e o falasse fluentemente.



Figura 17 – Ângela, Proprietária do Salão (foto minha).

A este respeito está a segunda observação que é importante ressaltar, relacionada a uma dificuldade que permeou as minhas visitas ao salão: a língua. Ângela fala muito bem o português, mas segundo ela, tem dificuldade em lembrar algumas palavras e acredita que o seu russo é melhor do que o próprio português.

Guiné Bissau foi a primeira ex-colônia portuguesa a ter a Independência reconhecida por Portugal²⁷, após cinco séculos de presença portuguesa e onze anos de luta armada de libertação²⁸. Assim como as outras ex-colônias portuguesas, o país adquiriu como língua oficial o português, utilizada na administração e no ensino. Entretanto, segundo Filomena Embaló (2008), o português é a língua materna de uma parcela muito pequena da população, cerca de 13%, incluindo quem a tem como segunda língua, terceira ou até quarta, não sendo utilizada, por exemplo, para a comunicação nacional.

A língua mais falada no país é o crioulo guineense, ou *kriol*, considerada a língua da unidade nacional, já que é através dele que os diferentes grupos étnicos que compõe a população guineense se comunicam.

É a língua guineense que mais locutores tem. Segundo os dados do recenseamento de 1979, 15% da população tinha o crioulo como primeira língua e 44,3% como língua segunda. Apesar de não ser língua oficial, o *kriol* é a língua do cotidiano e da rua, sendo correntemente utilizado nas instituições públicas, em muitos discursos oficiais e até nos debates da própria Assembleia Nacional. Não sendo também língua de ensino, ele não deixa de ser o recurso de muitos professores, que por deficiência do próprio conhecimento do português ou pelo não domínio desta língua por parte dos alunos, utilizam-no para melhor se fazerem compreender pelos seus discentes. (EMBALÓ, 2008, p.102)

Entretanto, assim como o português, o crioulo não é a língua materna da maior parte da população, no seu lugar há a proeminência das línguas africanas de Guiné Bissau²⁹, que são as primeiras línguas e através das quais são transmitidos os conhecimentos ancestrais, a identidade comunitária e as tradições. Ângela falava crioulo com boa parte das frequentadoras de seu salão, e fui ter essa noção da diversidade linguística do país, em uma das visitas, quando uma mulher chegou para que trançassem o cabelo de sua filha, elas começaram a conversar em crioulo e me perdi, no final da conversa, Ângela virou para mim e cochichando

²⁷ Em 1973 a Independência do país foi anunciada unilateralmente pelo PAIGC e em setembro de 1974 ela foi reconhecida por Portugal, após a queda do regime ditatorial de Lisboa, pela Revolução dos Cravos.

²⁸ A luta em prol da libertação e Independência de Guiné Bissau foi desenvolvida pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC – que tinha como líder a figura de Amílcar Cabral.

²⁹ Segundo Embaló (2008), são consideradas línguas africanas de Guiné Bissau a Pajadinka, banhum, balanta, bassari, baiote, biafada, bijagó, felupe, djola, cassanga, cobiana, mandinga, manjaco, mancanha, masoanca, nalu, pepel, fula, saracolé. <http://www.ethnologue.com/>

disse: ela é Fula³⁰, perguntei para Ângela sobre qual grupo étnico ela pertencia e ela me disse que sua família era Balanta, o maior grupo étnico do país.

Essa diversidade linguística, sobretudo o crioulo, foi o maior desafio e entrave no campo. Ângela tentou me ensinar a falar crioulo, pensei até em fazer algumas aulas, mas como o tempo que eu ficaria em Lisboa era curto, achei que não valeria a pena, mas insistindo ela me dizia: *Fique atenta, parece com o português, vais a pegar rápido*. Em outra visita ao salão, o filho de uma amiga de Ângela, de aproximadamente 4 anos, estava brincando com outra criança que por lá estava, assim que a outra criança foi embora, ele me chamou para brincar e outra vez a barreira da língua nos afastou, de início. Eu não consegui entender muito bem o que ele dizia, Ângela se divertia com a situação e falava: *ele fala uma mistura de português com crioulo, por isso você não entende*.

Sabendo dessa minha dificuldade, quando havia clientes novas no salão ou quando Ângela recebia visitas da sua família e amigos e falava crioulo, ela iniciava as conversas em português, parava de tempo em tempo para me dizer sobre o que estavam conversando, ou para me explicar o que alguém falou, e até tentava forçar todos a falarem em português, para eu também participar. Sendo assim, apesar da diferença de língua materna, consegui ter longas conversas com Ângela, outras cabelereiras do salão e suas clientes. Acredito que por mais que eu possa ter perdido algumas informações, eu tentava manter um diálogo com todos, até tentando falar o português de Portugal - mais facilmente aprendido e sem muitas diferenças em relação ao português falado no Brasil – e o principal, as redes de comunicação formadas foram suficiente para mantermos o contato e para que eu construísse toda a discussão que aqui eu apresento.

3.2 – Novidades de casa! – Sentidos do Salão Ângela Tranças artísticas

Ângela me contou que possui o salão há sete anos. Quando ela resolveu abrir o estabelecimento, o seu salão era o único do andar, as outras lojas vendiam roupas e celulares e a maior parte dos proprietários eram portugueses. Só depois que os portugueses começaram a vender³¹ as suas lojas, que começou a chegar os vários outros salões e lojas que vendem

³⁰ Os Fulas e os Balantas são grupos étnicos de Guiné Bissau.

³¹ Ângela não me disse o motivo dos antigos proprietários portugueses terem vendido os seus estabelecimentos e saído do Centro Comercial Babilônia. Mas acredito que talvez seja pelas mudanças que a região da Amadora passou nas últimas décadas, deixando de ser uma “cidade dormitório” para portugueses que trabalhavam em Lisboa, para se tornar uma região onde os moradores e os frequentadores são majoritariamente imigrantes.

cabelos e produtos relacionados ao mundo da beleza, e o Centro Comercial foi modificando o seu público frequentador, acompanhando também as mudanças que aconteciam em Lisboa.

Sendo assim, ela se considera uma cabelereira referência no local, não só por ser uma das primeiras a se estabelecer no Centro Comercial, mas também por ela ser uma cabelereira por paixão. Ângela aprendeu a trançar cabelos e fazer penteados com a sua mãe, ainda em Guiné Bissau. Ela se trançava por ter o cabelo diferente da sua irmã, filha de outro pai, e que segundo Ângela, nasceu com cabelos mais fáceis de cuidar e que cresciam³². Ângela passou a técnica para a sua filha mais velha e hoje, aos 20 anos, ela além de trançar muito bem os cabelos, ajuda a mãe no salão quando não está na faculdade estudando. Ângela ainda afirmou que gosta de ser cabelereira, apesar de sentir fortes dores na coluna por ficar o dia todo em pé e curvada. Pergunto se ela não gostaria de trabalhar com algo relacionado à sua formação, Relações Internacionais e Jornalismo, ela disse que gosta de estudar e pretende fazer mestrado ainda esse ano, mas que irá continuar com as suas atividades no salão, o que gera a renda suficiente para ela - junto ao seu marido que é segurança do Babilônia - manterem as despesas da casa e a de seus três filhos.

O amor de Ângela pela sua profissão me lembrou a história de Betina, cabelereira e proprietária do Salão Beleza Negra, que citei na seção 1.1. Entrevistei Betina em seu Salão, Beleza Negra, enquanto ela estava sendo trançada por Jaque, uma de suas funcionárias, e colocava longas tranças vermelhas. Enquanto Jaque trançava o seu cabelo, Betina contou a sua história, a sua infância em que tinha que arrumar o cabelo para ir ao culto e o “arrumar”, para a sua mãe, significava alisar o cabelo e colocar rolinho³³. Esses cuidados com o cabelo foram também passados de geração para geração, como é apresentado na profecia feita por sua avó: “um dia você vai arrumar o cabelo de muita gente”. Betina também afirmava a importância da educação e da formação formal, tanto para o ofício de cabelereira quanto para a vida. “Tem que estudar”, Betina afirmou isso durante toda a entrevista e me contou que, no Brasil, tem estudos básicos sobre cabelo crespo, mais em São Paulo. Entretanto, se você quer aprender sobre o cabelo crespo, você tem que ir para fora. Nos Estados Unidos, tem escolas voltadas para esse tipo de cabelo, como em Carolina do Norte – ela citou a escola chamada Dudley’s – que ela teve oportunidade estudar. Betina não acabou o curso, além de ele ser

³² Irei analisar essa fala ainda no decorrer do capítulo.

³³ Rolinho é o nome popularmente utilizado para uma técnica para deixar os cabelos alisados, ondulados ou com mais volume. É conhecido também como colocar bobes e consiste em colocar mechas do cabelo úmido enroladas em pequenos rolos e espera-los secar. É uma técnica utilizada há gerações e que não danificam o cabelo, já que ele não é exposto ao calor excessivo como ao passar chapinha ou utilizar babyliss.

caro, a sua mãe faleceu no meio do processo e ela resolveu voltar, ficaram faltando alguns módulos.

A proximidade entre a história dessas duas cabelereiras não está só na paixão pelo ofício realizado, pelo aprendizado que foi passado de geração a geração, por terem ido estudar fora dos seus países de origem em busca de melhores oportunidades, mas está, principalmente, na relação que possuem com o espaço compartilhado que apresenta uma infinidade de significados simbólicos. Espaços que vão além de um simples trato estético, lugares que constroem redes de sociabilidades, de fortalecimento, de pertencimento e de afirmação identitária. Sobre esses sentidos que me proponho discorrer a partir de agora.

O salão da Ângela possui uma equipe reduzida e não muito bem definida, algumas das vezes em que lá estive essa equipe era formada por uma funcionária, a filha de Ângela e uma sobrinha, que a ajuda quando o movimento é grande. Nas últimas visitas ao salão a funcionária havia sido dispensada e no seu lugar havia entrado uma cabelereira brasileira negra recém-chegada a Portugal. Além dessa equipe, quando o movimento se intensificava³⁴, Ângela sempre contava com a ajuda das várias amigas que passam o tempo no salão. O perfil das frequentadoras do espaço, assim como o das suas amigas, é de mulheres negras imigrantes, grande parte proveniente de países do continente africano, principalmente de Guiné Bissau, outra parte de mulheres negras portuguesas, filhas de pais imigrantes, e em menor proporção de mulheres brancas portuguesas. Durante a minha estadia no campo, somente uma vez eu vi uma cliente branca.

Simmel (2006) desenvolve a noção de sociabilidade, refletindo que ela se relaciona como uma possível forma de associação, “forma autônoma ou lúdica de socialização, que não busca objetivos ou resultados, mas sim momentos sociáveis e a simples satisfação de estar em interação” (SIMMEL, 2006, p.168). Assim, nos finais das tardes, o movimento é sempre intenso, com clientes que chegam querendo fazer algum tipo de manipulação capilar, mas a maior parte das pessoas que chegam é formada por suas amigas, que lá vão para conversar, desabafar, pedir conselhos ou só para passar o tempo após o trabalho e antes de ir para a casa ao encontro da família.

³⁴ Aqui vale apenas detalhar que o salão raras vezes trabalha com horários pré-agendados, ele funciona por ordem de chegada e também não há um horário de funcionamento fixo, ele abre todos os dias, mas sem um horário de início ou de término. Ângela deixa um aviso na porta do salão com o número do seu telefone caso alguém chegue e ela não esteja, e a loja de palestinos ao lado costumada receber recados para ela.

bell hooks (2005) afirma que, no ato de frequentar os salões ou quintais das casas, há também um rito de intimidade, no qual mulheres negras, mesmo as que não possuem um grau de intimidade, podem se encontrar e conversar umas com as outras, ou simplesmente escutar a conversa. São locais de aumento da consciência, onde se compartilham histórias, fofocas, lamúrias e problemas. São espaços de acolhimento e renovação de espírito. Para algumas é também o local de descanso, sossego e silêncio, em que não é necessário satisfazer as exigências dos filhos e dos homens, deixando as existências dessas mulheres mais agradáveis e amenas.

Nilma Gomes (2008), ao estudar salões étnicos na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, chegou à conclusão que esses salões são locais que oferecem não só manipulação dos cabelos e satisfação das vaidades individuais, mas múltiplas possibilidades e desdobramentos. São espaços coletivos onde conscientemente são desenvolvidas estratégias de sobrevivência e de resistência identitária, onde conteúdos políticos-ideológicos implícitos e explícitos circulam, além de conversas entre os profissionais e os clientes visando reforçar positivamente a sua autoestima.

Nas visitas ao salão da Ângela observei que os assuntos variavam, desde sobre algumas novidades do país de origem ou atualizações de notícias, sobre as famílias e amigos que lá ficaram, notícias de como estava a política, as dificuldades que estavam passando em Lisboa com burocracias estatais, até assuntos como dicas de costureiras para a fabricação de roupas com as capulanas, dicas de qual cabelo colocar, onde comprar determinados alimentos e produtos, indicação de escolas para colocarem os filhos, sobre fofocas da Igreja, entre outras. Esses “papos de salão” além de se apresentarem como forma de entretenimento e de passatempo para essas mulheres, que lá ficavam até tarde da noite, também eram formas de fortalecer laços de pertencimento identitário, enquanto mulheres negras imigrantes em Portugal e de se pensar estratégias para as privações sofridas relacionadas a esse status.

Percebi que a religiosidade também era forte no local, Ângela e algumas das suas amigas, que visitavam o seu salão no final do dia, frequentam a mesma Igreja Evangélica e muitos assuntos estavam relacionados a esse mundo. Na maioria das vezes, o seu trabalho e as conversas tinham como música de fundo canções gospel, e elas sempre comentavam sobre o conteúdo da música ou trocavam indicações sobre novas cantoras e cantores, além de compartilhar fofocas sobre o pastor e os frequentadores da Igreja. Na vitrine do salão, no meio das tabelas de preços, cabelos, produtos e capulanas, havia em letras brancas e grandes a

passagem de Filipenses, capítulo 4 e versículo 13, do Novo Testamento: *Tudo posso naquele que me fortalece*. A importância da religiosidade também é percebida no horário de funcionamento do salão, que abre todos os dias, exceto domingo de manhã, quando Ângela reserva para ir ao culto.

Ainda é importante evidenciar que, apesar da maior parte dos frequentadores serem mulheres, havia também a presença de homens, amigos de Ângela e de seu marido que, por trabalhar como segurança no Centro Comercial, sempre parava na porta do salão e participava rapidamente de alguns assuntos. Além dessa pequena presença de homens, havia também a presença de crianças (Figura 18), muitas vezes levadas pelas mães que iriam fazer algum procedimento no cabelo, ou que lá parava para conversar. Essas crianças, junto aos dois filhos mais novos de Ângela, brincavam nos corredores do Centro comercial e no salão, o transformando também em um ponto de encontro e de socialização para essas crianças.



Figura 18 – O salão enquanto um espaço de socialização também de crianças e homens. (foto minha)

Fica perceptível que o salão funciona não só como um espaço para se manipular a cabeça, mas possui um caráter também de interação, uma casa fora de sua casa de origem, ou

melhor, uma extensão de suas casas, um lugar para se relembrar hábitos e costumes, de conversar sobre notícias de lá. Um espaço de socialização feminina, no qual Ângela possuiu uma posição fundamental na constituição das redes de interação, agenciando atores e atrizes e reforçando laços, os quais podem não ter sido ali criados, mas são reforçados nesse espaço. Esses outros sentidos do espaço também fica evidenciado no seguinte trecho de Daniela Alexandre Ferreira (2017), sobre a etnografia que ela fez em um salão de beleza de uma cidade do interior de Minas Gerais,

A importância desse ambiente como espaço de convivência para essas mulheres pode ser observado nos comentários e em conversas informais no salão: *”Eu gosto de vir ao salão porque aqui eu esqueço os meus problemas e fico jogando conversa fora”*. Fui percebendo que se em primeira instância elas frequentavam o salão para consumir tratamentos estéticos, por outro a convivência neste espaço se constituía pela regularidade, configurando-se a experiência das interações e do lazer. (FERREIRA, 2017, p.280)

3.3 – Para estar “gira” vale a pena sentir dor? Trançando o final.

Apesar do caráter lúdico do salão, permeado por conversas, músicas e momentos de lazer e descontração, há também a presença de um aspecto de sacrifício, principalmente ao que se refere ao dinheiro, ao tempo e à dor.

Como explicitado na seção 2.3 há grande investimento de dinheiro ao se manipular o cabelo, e muitas mulheres deixam de comprar roupas e outros itens para investir em penteados e na manutenção de tranças e apliques. Isso explicita a importância e o caráter central do cabelo tanto para a autoestima quanto para a própria concepção de beleza, fazendo com que outras questões, e até mesmo obrigações, assumam um caráter secundário.

Outras exigências necessárias ao se frequentar o salão são de tempo e de resistência física. As tranças longas com cabelos artificiais, por exemplo, são feitas por uma, duas ou até três trançistas, já que o processo é longo e demorado, e pode durar até 8 horas dependendo da agilidade de quem a faz. Sendo assim, muitas mulheres reservam o dia, ou parte dele, para realizar esse procedimento, e durante esse tempo elas conversam, almoçam, levam livros para ler ou estudar, resolvem problemas e trabalham através do celular.

Além do investimento de dinheiro e de tempo, ainda é preciso ser resistente à dor, a qual representa um grande valor, para boa parte dessas mulheres, e é enfatizada com orgulho por elas, segundo Denise Costa (2012). Uma cena que me chamou bastante atenção foi quando uma mulher entrou com sua filha e perguntou se no salão também trançavam cabelos de criança. Como o salão estava cheio e todas as cabelereiras estavam ocupadas, uma amiga

de Ângela começou a desembaraçar e trançar o cabelo da menina (Figura 19), que devia ter cerca de quatro anos. Talvez pelos puxões ao desembaraçar e trançar o cabelo, ou por algum outro incômodo, a criança começou a chorar. A mãe logo a repreendeu e disse: “Você não quer estar gira³⁵? Então pare de chorar e deixe a tia trançar”.



Figura 19 – Criança sendo trançada por uma amiga de Ângela

³⁵ “Giro” é uma gíria utilizada em Portugal que significa bonito ou bonita. Nesse sentido a mãe pergunta se a criança não gostaria de ficar bonita, com a aparência agradável e por isso se dispôs a fazer as tranças

As crianças são introduzidas ao hábito de manipular o cabelo desde cedo, e assim, também aos sacrifícios dessa ação. Muitas crianças reclamam da dor ao realizar alguns procedimentos, mas são repreendidas ao reclamar e passam pela socialização de que para estar bonita e apresentável é necessário manipular o cabelo, e a dor é uma consequência. Ainda sobre bell hooks (2005), a autora afirma que a ida aos salões é um processo também de transição, de deixar de ser percebida como criança para se tornar quase uma mulher. A infância da maioria das meninas negras é marcada pela introdução ao ritual de manipulação dos cabelos, realizados por suas mães, avós, tias ou irmãs mais velhas. Ritual marcado por técnicas passadas de geração para geração, através da observação, de como se trançar. Ao chegar à adolescência elas são introduzidas a outro ritual, o do alisamento do cabelo, passam a ser consideradas moças, mulheres e aptas para utilizarem produtos químicos que não são indicados para o couro cabelo de crianças. Durante a infância poucos procedimentos são permitidos, apliques, extensões, escovas e técnicas que utilizam de produtos químicos são proibidos. Assim, a maior parte das crianças possuem tranças, rente ao couro cabeludo ou soltas, e com enfeites como elásticos coloridos, miçangas e pequenas pedras que adornam o penteado.

A dor sentida durante a modificação do cabelo é vista como uma dor necessária para que se atinja o objetivo final: ter cabelos bonitos, diferentes e chamativos. Uma jovem que estava colocando longos cabelos lisos me disse “o cabelo é o espelho da mulher, para ficarmos bem, temos que cuidar do cabelo”. No final do procedimento ela já não estava aguentando de dor ao ter as suas raízes esticadas para colocar mais uma camada de aplique, para aumentar o volume de seu cabelo. Ela me perguntou o que eu achava do seu cabelo quase pronto, se ele estava cheio e bonito. Eu disse que ela estava linda. Não satisfeita, ela pediu para Ângela continuar, “tomo paracetamol quando eu chegar em casa”. Sobre esses sacrifícios, principalmente a dor, Denise Cruz mais tarde³⁶ se pergunta,

Essa dor que irá se abrandar ao longo de uma semana é sentida como parte do processo de embelezamento. “Mulher tem que ser forte.”, “Trançar dói!”, repetem uma para a outra. Aquela dor física é mais tolerável que a dor de não sentir-se bem com seus cabelos. Que leveza é essa que busca minha querida amiga Vanda? (CRUZ, 2017, p.106)

Além dos sacrifícios compartilhados por essas mulheres, há também uma preferência, que observei ser comum entre elas, em mudar constantemente os penteados. Em uma das minhas visitas ao salão, Ângela estava escovando o cabelo de uma moça, negra de pele um

³⁶ O “mais tarde” se refere à discussão que Denise Cruz se debruça em sua tese “Que leveza busca Vanda, Ensaio sobre cabelos em Brasil e em Moçambique”, defendida no final do ano de 2017.

pouco mais clara e que tinha um aplique de cabelos longos lisos com a ponta avermelhada. Conversamos sobre modelos de penteados e como usar o cabelo, e a moça me disse que gostava de variar, que antes ela estava com um aplique encaracolado e agora estava com esse liso, mas que também já usou tranças. Para todas as manipulações já realizadas, ela pegava o celular e me mostrava fotos das transformações correspondentes, eu perdi as contas de quantos modelos e tamanhos de cabelo que ela já havia usado.

Ainda curiosa, e com uma curiosidade que sempre esteve presente quando eu conversava com outras mulheres negras - principalmente as que vinham de países africanos - por qual motivo, ou qual o significado de se mudar tanto o cabelo? Perguntei para essa mulher e ela me disse que gostava de mudar para não ficar sempre com o mesmo rosto, que gostava de mudar quando estava feliz, quando estava triste, quando tinha determinada festa ou evento social no final de semana, ou que para ir ao trabalho preferia utilizar o cabelo de determinado modelo.

Ângela entrou na conversa e disse que também gostava de variar o seu cabelo, assim como as mulheres que ela atende. Ela me contou que ao comprar dois cabelos, é possível variar bastante durante todo o ano: *pode usá-lo liso, encaracolado, pintá-lo de várias cores, usar tranças de diferentes comprimentos e colorações*. Nem sempre é necessário comprar um cabelo novo, ainda mais no contexto de Lisboa, em que o preço dos cabelos era superior e às vezes chegava a ser dez vezes mais caro que no seu país de origem. *É questão de saber fazer contas, não precisa ficar sempre comprando um novo cabelo, quem faz isso é quem tem dinheiro, ou não sabe fazer contas e economizar*, ela afirma, então com poucas peças é possível brincar e jogar com combinações infinitas. Entretanto, para tal, é necessária uma boa cabelereira, daí o motivo do salão estar sempre movimentado.

A mudança constante está relacionada ao surgimento de uma nova mulher, ou ao despertar de outras mulheres possíveis dentro de si mesma, uma mulher mais sedutora e provocante, ou mais angelical, uma mulher de negócios, séria, formal, ou uma mulher moderna. Mudar o cabelo está ligado também a mudanças de gestos e do comportamento, podendo até garantir novas performances nas relações sociais já estabelecidas, ou para se estabelecer novas relações.

Entretanto, por trás dessa constante modificação há construções sociais e alguns aspectos que só ao conversar intensamente, e após estabelecer relações de confiança, apareceram nas falas de Ângela e de algumas outras mulheres com as quais conversei,

principalmente quando eu perguntava sobre o uso do cabelo em sua textura natural. Percebe-se que além de um sacrifício físico e econômico, há também um sacrifício interior, relacionado à lida com o cabelo e com classificações como cabelo que cresce e o que não cresce e cabelos mais ou menos trabalhosos.

Ao levar minha amiga Illa ao salão, algumas comparações apareceram entre o nosso cabelo - meu, da Ângela e de outras mulheres negras de pele escura e cabelos com texturas mais crespas - com o cabelo delas - da Illa, com textura menos crespa e mais encaracolada, que ganha mais comprimento ao crescerem e ficam com os cachos mais definidos. O pouco que Ângela disse, significou muito. Ao pegar no cabelo de Illa, ela disse que ele era meio europeu e meio nosso, que por isso ele crescia mais que o nosso e era mais fácil de cuidar. Outras mulheres que estavam no salão, também de pele mais escura e cabelos mais crespos, concordaram com o que Ângela havia dito. Eu fiquei pensativa, o aspecto da “lida” com o cabelo e o crescer e não crescer fizeram me lembrar de várias questões que tive que desconstruir ao assumir o meu cabelo crespo, ao deixar de tentar alcançar o padrão inalcançável de ter cabelos lisos, leves e soltos.

Aquelas mulheres me traziam outra perspectiva, na verdade uma perspectiva um pouco parecida com a que eu via na relação da mulher negra brasileira com o seu cabelo. Entretanto, enquanto que essas manipulações do cabelo realizadas por mulheres negras brasileiras, como a utilização de produtos químicos para alisar e usar apliques, estavam relacionadas com um processo de embranquecimento, com as mulheres que conversei não havia o desejo de se tornarem brancas, não havia dúvidas quanto aos seus pertencimentos étnico-raciais. A manipulação constante do cabelo, utilizar tranças, apliques e perucas, estava relacionada ao desejo de adornar a cabeça, escolher um estilo e evocar várias outras versões de si possíveis, mas principalmente se relaciona também a uma rejeição a sua textura crespa, aliviar a lida que tinham ao cuidar de seus cabelos e talvez o mais importante, vê-los crescer. Percebi então, tal como discutido por Denise Cruz (2017) que havia certo preconceito capilar.

Assim, cabelo crespo no Brasil remete a uma identificação racial hierarquizada, enquanto que em Maputo o mesmo não ocorre. Retocar os cabelos, para as mulheres brasileiras que colaboraram comigo, significa esconder um traço racial que é considerado indesejado. Já em Maputo retocar é aperfeiçoar um penteado e não esconder um pertencimento racial, embora aponte para a vivência de um preconceito capilar. [...] Com isso quero afirmar que, embora exista uma hierarquia e uma classificação em relação à textura dos cabelos em Maputo, essa diferença não é indicativa de um embranquecimento, como se observa no Brasil. (CRUZ, 2017, p.111)

Perguntei à Ângela se as guineenses não usavam o cabelo crespo, na textura natural, igual ao meu. E ela disse que a maior parte das mulheres que usavam eram as que passavam um tempo estudando fora do país ou que frequentavam as universidades.

Nesse momento me lembrei do livro *Americanah*³⁷, de Chimamanda Ngozi Adiche. O livro é uma ficção nigeriana que aborda a história de Ifemelu, uma nigeriana que se muda para os Estados Unidos ao ganhar uma bolsa de estudos em uma universidade estadunidense. Ao chegar ao país, onde ela irá morar nos próximos quinze anos de sua vida, Ifemelu se depara com questões como o racismo e a xenofobia. Adichie nos demonstra, através de sua escrita, como a raça é um marcador social importante, que influencia e reconfigura a maneira como o corpo, nesse caso o corpo feminino negro, experimenta o mundo. Na Nigéria a cor de Ifemelu não era um problema, ela passou a se enxergar enquanto negra, “tornou-se negra”, no plano simbólico e político, ao entrar em contato e contraste com o outro: a sociedade norte-americana racista.

O conflito racial é exemplificado durante várias passagens da narrativa, principalmente quando a autora aborda os sentimentos conflitantes de Ifemelu com o seu cabelo crespo, que ora é concebido como estigma, como objeto de insatisfação e tensão com o seu próprio corpo, ora como um lugar de sociabilidade, de afeto, de ritual de transição, e pode garantir um teor político de afirmação e de pertencimento étnico-racial. Percebemos todo esse processo na personagem, a sua relação conflituosa com o seu cabelo durante a infância e pré-adolescência, em que ela cresceu à sombra do cabelo de sua mãe, que eram pretos retintos, grossos e que após o relaxamento “saltava, livre e vasto, cascadeando pelas costas como uma celebração” e todos ao redor perguntavam se aquele cabelo era realmente dela, ou se ela era jamaicana, como se ter aquele tipo de cabelo não fosse possível para uma nigeriana. Enquanto isso Ifemelu

muitas vezes olhava no espelho e puxava seu cabelo, esticava os cachinhos desejando que ficasse como o da mãe; mas ele permaneceu crespo e crescia com relutância; as cabelereiras que o trançavam diziam que os fios cortavam que nem faca. (ADICHIE, 2014, p.49)

Durante a vida adulta o conflito continua, como na passagem em que o seu cabelo começou a cair por causa da química do relaxamento e sua amiga Wambui, que usava seu cabelo natural (e Ifemelu não o achava bonito) a disse que era necessário cortá-lo e usá-lo natural. Relaxar o cabelo é que nem ficar preso. Você fica em uma jaula. Seu cabelo manda

³⁷ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu, 1ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

em você. [...] Está sempre lutando para fazer o seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. (ADICHIE, 2014, p.226). Entretanto, após cortá-lo, ela não consegue sair de casa, se acha feia, parecida com um menino, e não conseguia nem ir ao trabalho.

Mais tarde, ela chega ao processo de aceitação e resolve assumir o seu cabelo natural, como sugere Bruna Cristina Jaquetto Pereira (2017) com o termo “quilombo mítico”. Esse termo se refere ao corpo negro reinventado e autovalorizado diante das adversidades, e reconstruído sobre imagens positivas que quebram a alienação. Ele é um símbolo da resistência, da disputa e conquista de territórios físicos e simbólicos, que enfrenta e recusa a dominação e o referencial do dominador. É um corpo que, através das pesquisas históricas e da busca das posições de sujeitos, deixa de ser objeto para se tornar um sujeito histórico. Ifemelu passa a considerar o seu cabelo denso, esponjoso e glorioso. Ela já não mais conseguia imaginá-lo de outro jeito e simplesmente estava apaixonada por seu cabelo do jeito que ele era. Como se observa na seguinte passagem, quando a personagem vai a um salão de beleza onde a maior parte das mulheres que lá trabalham são africanas, de países como o Mali e Senegal:

Aisha tocou o cabelo de Ifemelu. “Porque não usa alisa?”

“Gosto do meu cabelo do jeito que Deus fez.”

“Mas como penteia? Difícil de pentear.”

Ifemelu havia trazido seu próprio pente. Ela penteou devagar seu cabelo denso, macio e em pequenas espirais, até que ele ficou parecendo um halo em torno de sua cabeça. “Não é difícil de pentear se você hidratar do jeito certo”, disse Ifemelu, agora com o tom convincente de proselitismo que usava sempre que estava tentando convencer outras mulheres negras dos méritos de deixar o cabelo natural. Aisha deu uma risadinha incrédula; ficou claro que não conseguia entender por que uma pessoa escolheria o sofrimento de pentear um cabelo natural em vez de simplesmente alisá-lo. Ela separou o cabelo de Ifemelu em mechas, pegou um pequeno aplique de cima da mesa e começou a entrelaçá-lo nos fios com dedos hábeis. (ADICHIE, 2014, p.20)

Utilizei da ficção para pensar a realidade, isso por que acredito que a escrita, não acadêmica e literária, pode nos auxiliar a perceber nuances da vida social de quem escreve, Chimamanda, uma mulher negra nigeriana que, agora, após ganhar uma bolsa de estudos vive entre os Estados Unidos e a Nigéria, apresenta uma escrita permeada por sua vivência, de mulher negra africana em outro país com outras construções sociais, sobretudo no que se refere ao corpo feminino negro e todas as suas marcas. Dessa forma, quando Ângela afirma que as mulheres que moraram em outros países ou que frequentaram a universidade utilizam o cabelo na textura natural, me lembro do significado da palavra *americanah*, que era uma forma jocosa que os nigerianos chamavam quem tentava a sorte na América e voltava com

trejeitos norte-americanos exagerados. A sua afirmação me faz questionar se utilizar o cabelo crespo seria um trejeito inspirado da população negra feminina africana em outras mulheres negras não africanas. Ao mesmo tempo me questiono se essa discussão não está em um contexto muito mais complexo que talvez essa monografia não dê conta. Com esses questionamentos eu caminho para o final.

Transição: Um longo caminho pela frente

Conclusão? No presente trabalho acho que a palavra transição se adequa melhor. Não tenho conclusões formadas e fechadas. O trabalho de campo realizado me trouxe muito mais questionamentos do que conclusões. Por isso penso que esse trabalho é um começo, de um longo caminho que pretendo percorrer a partir do final da minha graduação. E ele me fez repensar a minha própria metodologia e meu lugar enquanto pesquisadora.

Iniciando essa transição, reflito que as minhas idas ao salão da Ângela me fizeram compreender a centralidade que o cabelo tem para as mulheres que o frequentam. Percebi que, para elas, vale a pena sentir dor, gastar dinheiro e gastar boa parte do seu dia ali se modificando, todas elas saíam sorridentes e completamente gratas pelo serviço realizado. Mas, muito além do valor estético, percebi que os salões são palcos para se vivenciar momentos de lazer e descanso, como é afirmado por Pulpa (2012) ao estudar um salão de beleza e spa para noivas em Vitória, Espírito Santo,

[...] para ampliar a idéia de Goffman (2009), que indica o salão de beleza como sendo bastidor, onde é feita a preparação para alguns momentos da vida dos usuários que seria vivido fora do salão, no palco social. Dessa forma, acredito que o salão de beleza, serve também como palco para vivenciar momento de lazer, de relaxamento, de gozo, sendo assim tão importantes quanto os outros espaços onde serão vividos outros momentos após a preparação estética. (PUPA, 2012, p.106).

Os salões então se tornam locais para fins sociais, onde a memória translocada encontra um lugar, local de lembranças do país de origem, e, sobretudo, reforço identitário, um oásis dentro de um contexto em que a beleza válida está vinculada, a todo momento, ao padrão europeu.

Nesse aspecto reflito se esse padrão de beleza também alcança essas mulheres guineenses, apesar delas terem crescido, em sua maioria, em Guiné Bissau, um país de maioria negra, e o negro a que me refiro não é só sobre a cor da pele, mas também sobre os traços físicos e a textura do cabelo. Ter uma sociabilidade em um local predominantemente negro pode garantir outras noções de corpo e de beleza, diferente das nossas, mulheres negras brasileiras, que crescemos e somos socializadas em um país que ora privilegia a mestiçagem, na cor, nos traços e nas dimensões culturais, ora afirma a superioridade da branquitude. A cor da pele e a textura crespa de seus cabelos não são tão fortemente acionadas diariamente em confronto com outras cores e texturas possíveis, como aqui no Brasil. Mas, apesar disso, ainda há um preconceito capilar. Por que colocar apliques de cabelos lisos, perucas encaracoladas?

Por que desejar cabelos que crescem, que ganham peso e balançam? Essas modificações são realizadas só pelo intuito estético da mudança? Ou há simbolismos por trás?

Há uma valorização de certo tipo de cabelo, e esse tipo valorizado é o mais próximo ao cabelo de textura lisa. Quando Ângela diz que o cabelo da minha amiga é bonito e mais fácil de cuidar por que é meio nosso e meio europeu, percebe-se que a beleza e a facilidade do cuidado, ou seja, as características positivas daquele cabelo, estão relacionadas à sua parte europeia, à sua parte branca.

Lembro-me de Ângela contando da sua infância e de comentários feitos por sua mãe. Ângela tinha uma irmã gêmea que morreu durante a gravidez e sua mãe associava a morte da irmã gêmea à Ângela, que ela havia matado a sua irmã por ela ser mais bonita que Ângela. Toda a sua infância foi pautada em comparações que sua mãe fazia entre ela e seus outros irmãos, principalmente uma irmã de pele mais clara, filha de outro pai, um pai branco que era policial na sua cidade de origem. Ângela afirma que a mãe tinha esse comportamento com ela, por ela ser a filha com a pele mais escura.

Quando Ângela me contou essa parte da sua história fiquei emocionada, primeiro por imaginar o quão difícil deve ter sido a sua infância pautada nessas disputas e comparações, e, não à toa, foi a única coisa que ela me contou sobre a sua infância, indicando que esse acontecimento teve uma relevância em sua história. E também por me trazer lembranças da minha infância, das comparações que muitas professoras e colegas de sala faziam por eu ser a única menina negra da sala. Mas Ângela trazia essas memórias de maneira positiva, ela afirmou que essas situações foram boas para ela se sentir bem com ela mesma, que sempre se achou bonita e afirmava isso a todos.

Então será que é apenas sobre um preconceito capilar ou essa etnografia feita não está inserida em um contexto e em um sistema muito mais amplo e bem organizado pautado no racismo? Será que a presença europeia em África através do escravismo e posteriormente através da colonização de diversos grupos não deixou enraizada nesses países construções sociais racistas³⁸ e desiguais?

Por isso introduzo esse trabalho afirmando que minhas questões mudaram durante o campo, cheguei com o objetivo de pensar o cabelo e a noção do corpo dessas mulheres, mas nossas conversas e minhas percepções me encaminharam para outras reflexões, para refletir

³⁸ Como foi afirmado anteriormente, não um racismo tal como no Brasil, mas em outros moldes.

sobre as redes de sociabilidade, para pensar a raça e, no contexto de Lisboa, a raça se mistura também com a nacionalidade através da xenofobia e do racismo. Isso pensando os marcadores sociais da diferença que atravessam os corpos dessas mulheres e através das contribuições a respeito do conceito de interseccionalidade da autora Kimberlé Crenshaw (2002). Interseccionalidade se refere à associação de sistemas múltiplos de subordinação,

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p.177)

A raça, o gênero e a nacionalidade, tal como as violências e privações subsequentes se entrecruzam³⁹. Mas indo além dessa definição, como é retratado por Hirata (2014) ao utilizar do conceito de consubstancialidade de Danièle Kergoat (1978), me atento a não realizar uma hierarquia desses marcadores sociais das diferenças, já que eles não são fixos e estão inseridos em relações sociais que são dinâmicas, fazendo com que eles estejam sempre em reorganização. Então, penso que há um agenciamento de determinadas identidades de acordo com os locais transitados e as violências subsequentes evocadas.

Como abordar só o cabelo se o que elas me mostravam ao ir ao salão para realizar manipulações capilares era que aqueles cabelos estavam em corpos femininos imigrantes negros. Essas outras identidades eram evocadas a todo momento, o ser mulher, o ser mãe, o ser imigrante, o ser negra.

Reflito sobre o meu imaginário inicial sobre essas mulheres, por achar que todas as pessoas negras em Lisboa eram africanas e não entender a historicidade e a complexidade da presença negra naquele país e que há sim portugueses negros. Como é discutido por Hall (2003)⁴⁰, o pensamento e as questões acerca da diáspora lançam uma luz sobre as complexidades, principalmente no que se refere ao se construir e imaginar a nação e as identidades em um contexto de crescente globalização e multiculturalismo. Como sugere Anderson (2008), as nações não são apenas entidades políticas soberanas, são também “comunidades imaginadas”. Sendo assim, me vi diante de uma nação que se é imaginada, o é não só pelos locais, mas também por pessoas em trânsito naquele espaço, e que imagina as

³⁹ A autora utiliza uma analogia em que os eixos de poder (raça, etnia, gênero e classe) são avenidas que estruturam os “terrenos sociais, econômicos e políticos”, através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem e tais sistemas frequentemente se sobrepõem e se cruzam.

⁴⁰ O autor aborda o contexto da dupla diáspora, africana no Caribe e caribenha na Grã Bretanha, mas acredito que tal reflexão possa ser adequada à situação portuguesa.

suas artes e culturas e que produz “sujeitos imaginados”, que exclui a presença desses corpos negros diaspóricos, corpos que produzem redes e locais de memória, que reforçam e constituem um canal crucial entre dois lugares, mas que também produzem identidades múltiplas.

Já que esta é uma questão conceitual e epistemológica, além de empírica, o que a experiência da diáspora causa a nossos modelos de identidade cultural? Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento, após a diáspora? Já que “a identidade cultural” carrega consigo tantos traços de unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice, como devemos “pensar” as identidades inscritas nas relações de poder, construídas pela diferença, e disjuntura? (HALL, 2003, p.30)

O presente trabalho, então, parece acabar em aberto, com o surgimento dessas inquietações e questionamentos que não foram possíveis serem resolvidos durante o campo e em meu processo de escrita. Mas, ao mesmo tempo, como indicado no título dessa seção, é uma transição. Diante desses questionamentos termino não só a minha escrita, mas também esse ciclo de cinco anos de graduação em Antropologia. Agora, uso essas indagações como uma orientação para continuar traçando novos caminhos na nova fase que se inicia a partir do ano que vem, o mestrado.

A lembrança recordada ao chegar ao Centro Comercial Babilônia, sobretudo, as suas semelhanças com a Galeria do Reggae em São Paulo, agora ganha espaço em um terreno fértil para florescer. Durante todo esse trabalho eu pensava na galeria do reggae, nos seus salões e nas mulheres negras de países africanos que ficam na sua entrada abordando outras mulheres negras para fazer qualquer tipo de manipulação. E no Brasil? E esses corpos diaspóricos aqui? Quais serão as percepções dessas mulheres agora em interação com o nosso sistema de classificação racial, os nossos modos de se usar e conceber o cabelo crespo e os sentidos de usar o cabelo em sua textura natural?

[...] a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para captar e descrever a lógica de suas representações e visão de mundo, mas para, numa relação de troca, comparar suas próprias representações e teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.” (MAGNANI, 2003, p.85).

Como é afirmado por Magnani (2003) me pergunto se eu poderei melhor repensar e desenvolver essas inquietações até aqui levantadas, ou ao menos, chegar a uma nova pista. Esse será o meu próximo desafio.

Pós- Escrito: Escrevendo uma monografia em tempos de luto e luta

Espere o inesperado

Sou pássaro preto

Estendendo as minhas asas

Coloco fogo na dor

Espalho as cinzas negras pelo meu corpo

Forjo uma pele nova a cada momento

Jogo as cinzas ao vento

E voo

Águia negra

A ressuscitar diante de qualquer tempestade

Mais forte, mais célebre, mais viva

Mais leve, mais lúcida, mais nítida

Espere o inesperado

(SOBRAL, 2016, p.39)

Luto. Durante os últimos meses, o jogo de significados dessa palavra, me chamou bastante atenção enquanto eu navegava pelas minhas redes sociais, buscando um pouco de alívio e de fuga do contexto político em que nos afundamos (mas na verdade, o uso dessas redes só me trouxe mais angústia e desespero).

Luto, substantivo que significa sentimento de tristeza profunda pela morte de alguém, amargura, desgosto, sinais exteriores de pesar.

Escrever uma monografia é solitário, é você, o computador, textos, ideias, rascunhos. Não é fácil. Escrever uma monografia de luto chega a ser sufocante e angustiante. Fiquei durante o mês de outubro inteiro sem conseguir escrever uma só linha. Tentava pensar, tentava ler textos, conversava com amigos e amigas e nada. Parecia que todo mundo estava imerso em um agouro sem fim. A disputa eleitoral se acirrava, dois candidatos opostos brigavam, íamos às ruas, gritávamos por respeito às diferenças, pelo direito de ser quem somos e quem queremos ser, mas parecia que nossas vozes eram chacota, “mimimi”.

Como escrever uma monografia, como ganhar o título de bacharel em Antropologia se eu não conseguia ver futuro para ser quem eu quero ser? Sem perspectiva de trabalho, com medo de tentar os processos seletivos de mestrado. Como continuar estudando o que gosto, sendo que nem sei se as universidades federais continuarão públicas, se a área de ciências humanas continuará recebendo verbas, já que mal conseguem nos enxergar como produtoras e produtores de ciência?

Desânimo. Resolvi me dar um mês de férias da monografia, umas férias forçada, na verdade. Não só o contexto político, como minha vida pessoal passava por fortes tensões. Eu precisava cuidar de mim.

Luto, flexão do verbo lutar, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Significa disputar uma vitória em relação a outrem, esforçar para vencer um obstáculo, para atingir um fim. Combater.

Nesse contexto, me lembro de vovó, minha avó paterna, com quem passei bons anos de minha vida, entre conversas, consolos, mimos, balas lalka, cuidados e biscoito quebra-quebra. Final de outubro, dia 24 fez um ano que não a vejo. Dia 31 de outubro era o dia do aniversário dela. Nossas últimas conversas - não a última, mas algo que permeava nossos últimos anos juntas – sempre havia uma pergunta que ela me fazia: *você não vai entrar na faculdade não?* Eu já estava na UFMG há quatro anos. Eu sempre ficava chateada com essa pergunta, quatro anos estudando e ela não enxergava que o que eu estudava era algo de faculdade. Sempre me pedia para eu explicar o que eu fazia, às vezes na frente de outras pessoas, e isso me deixava ainda mais incomodada. Ninguém sabia o que estudo, ninguém contrata antropólogos, talvez nem verba tenha para eu ser bolsista no mestrado e doutorado. Foram quatro anos desperdiçados?

Desconfio que o restante da família e amigos também não sabem, até por que, para ser sincera, nem eu sei às vezes. Eu respondia para vovó: *eu estudo o ser humano em sociedade, vó. Como ele vive com outras pessoas, com pessoas iguais a ele ou diferentes, as coisas que tem importância para todos nós, ou que são importantes só para alguns, sabe?* E ela respondia: *que bonito! Você gosta mesmo é de gente, neh! Minha pérolazinha negra, segunda Lalá!* E me dava um beijinho na testa. Mas na semana seguinte voltava a me perguntar quando eu entraria na faculdade mesmo.

Eu me lembrei dessas nossas conversas e resolvi lutar, voltei para a luta. Vovó sempre lutou, ela cuidou dos seus cinco filhos biológicos e um adotivo sola, com ajuda de Tia Leninha e Tia Eva, ajudou a erguer um asilo só para mulheres, isso tudo sempre com um olhar terno e palavras de carinho, mas com uma história de muita luta. Eu lembrei da história de todas as mulheres negras ao meu redor. Minha mãe sempre lutou, trabalhava e estudava, foi técnica de enfermagem e antes de passar em um concurso, trabalhou durante anos em hospitais que as histórias me dão arrepios, com pacientes em estágio terminal, na ala de queimados e em hospitais psiquiátrico, os quais na época ainda eram manicômios. Ela dormia pouco entre um plantão e outro, trabalhava muito e ajudava em casa. Ela passou por momentos difíceis, que não gosta de comentar, mas uma vez a escutei comentando com uma amiga dessa época, que ela não tinha força e interesse em nada, nem queria sair da cama.

As histórias de todas as mulheres da minha família foram de luta, como a de muitas mulheres negras ao meu redor, pelo Brasil e o mundo a fora. Por que comigo seria diferente? Lutar o tempo todo cansa, e vejo no semblante de todas essas mulheres. Carregar os filhos, maridos, netos, familiares, amigos, todo mundo nas costas, ser sempre forte, tentar ter sempre a razão e não poder falhar.

Luto. Talvez não nos mesmos moldes dessas mulheres que me antecederam, até por que elas me possibilitaram chegar até onde eu cheguei. Mas sigo os seus passos. Combato. O luto é passageiro, a luta é contínua. Com a força e benção de todas essas mulheres eu continuo, escrevo.

Bibliografia

ADICIE, Chimamanda Ngozi. *Americanah*. Tradução Julia Romeu, 1ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSUNÇÃO, Helena Santos. *Amarrando corpos, pessoas e objetos: as capulanas no norte de Moçambique*. Monografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BATTLE-BAPTISTE, Whitney. *Black Feminist Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2011.

CLEMENTEL, Claudelir Correa. SILVA, José Carlos Gomes da. Dos quilombos à periferia: reflexões sobre territorialidades e sociabilidades negras urbanas na contemporaneidade. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*. v. 4, n.1. 2014.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, 31(1),99-127, 2016.

COSTA, Denise Ferreira da. *Seguindo as tramas da beleza em Maputo*. Dissertação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*. 2002, vol.10, n.1, pp.171-188.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. *Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique*. Tese, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CUTI. *Contos Crespos*. Mazza Edições, 2008.

EMBALÓ, Filomena. O Crioulo da Guiné-Bissau: Língua Nacional e Factor de Identidade Nacional. *PAPIA*, França, v. 18, n.101, p. 101-107, 2008.

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela. "Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada": Identidade, Consumo e Manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros". XXVI Reunião Anual da ANPOCS, 2002.

FRY, Peter. Nas redes antropológicas da Escola de Manchester: reminiscências de um trajeto intelectual. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 12, n. 27, p. 1-13, 2011.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Ed. 34; Universidade Cândido Mendes, 2002.

GOMES, Ângela; WAKISAKA, Maria Lúcia. Saberes "invisíveis" na cidade: da segregação socioespacial étnica à construção da justiça ambiental. *Griôs da Diáspora Negra*. Griôs Produções. Brasília, 2017.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

GOMES, Natália; OLIVEIRA, Catarina Reis de. *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual 2016 – 1ª ed. – v. Imigração em Números*. Lisboa, 2016.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HENRIQUES, Isabel de Castro. *Os Africanos em Portugal – história e memória. Séculos XV – XXI*. Edição Comité Português do Projecto Unesco, A Rota do Escravo. 1ª edição. Lisboa, 2011.

HENRIQUES, Isabel de Castro; Leite, Pedro Pereira. *Lisboa cidade Africana: Percursos de Lugares de Memória*. Edição: Marca d' Água: Publicações e Projetos. 1ª edição, Lisboa/Ilha de Moçambique, 2013.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, Brasil, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

hooks, bell. Alisando o nosso cabelo. 2005. *Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba*, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.Html

INE (2012), A População estrangeira em Portugal – 2011, Destaque INE.

KILOMBA, Grada. Quem pode falar? Tradução: Anne Caroline Quiangala. 2016. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html> (Acesso em 20 agosto 2018.)

KUSHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. *Cadernos de Arte e de Antropologia*, 3 (2): 23-46, 2014.

LEACH, Edmund. Cabelo mágico. In: DA MATTA, R. *Leach*. São Paulo: Ática, 1983.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo sociedade*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003 .

PEREIRA, Bruna C. J. . 'Entre luzes e com, só encontro, meu corpo, a ti': corpo e vivências afetivo-sexuais de mulheres negras a partir da obra de Beatriz Nascimento.. In: Carlos Machado; Danusa Marques; Thiago Trindade e Francisco Mata Machado Tavares. (Org.). *Democracia e Desigualdade: registros críticos*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017, v. , p. 85-113.

SANSONE, Livio. *Urbanismo, globalização e etnicidade*. In: Raça: novas perspectivas antropológicas / Livio Sansone, Osmundo Araújo Pinho (organizadores). 2 ed. rev. Salvador : Associação Brasileira de Antropologia : EDUFBA, 2008.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. *Estudos afro-asiáticos*. n.38, pp.49-65. 2000.

SANTOS, Silvio Matheus. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, v. 24, n. 1, p. 214-241, 30 ago. 2017.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília, 2016.

SOBRAL, Cristiane. *Só hoje vou deixar o meu cabelo em paz*. Brasília, 2014.